

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Léia de Cassia Langnor e Sousa

**A EDUCAÇÃO PÚBLICA DE ITAPEVA - SP: DA GÊNESE AO GRUPO
ESCOLAR CORONEL ACÁCIO PIEDADE (SÉCULOS XIX E XX)**

Sorocaba/SP

2008

Léia de Cassia Langnor e Sousa

**A EDUCAÇÃO PÚBLICA DE ITAPEVA - SP: DA GÊNESE AO GRUPO
ESCOLAR CORONEL ACÁCIO PIEDADE (SÉCULOS XIX E XX)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Sorocaba/SP

2008

Léia de Cassia Langnor e Sousa

**A EDUCAÇÃO PÚBLICA DE ITAPEVA - SP: DA GÊNESE AO GRUPO
ESCOLAR CORONEL ACÁCIO PIEDADE (SÉCULOS XIX E XX)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 16/12/2008

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. José Luis Sanfelice - Uniso

1º Exam.: Prof. Dr. Jefferson Carriello do Carmo – Uniso

2º Exam.: Prof.^a Dr.^a Vânia Regina Boschetti - Uniso

Sorocaba/SP

2008

Dedico este trabalho a todos os mestres do passado e do presente da cidade de Itapeva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todos os momentos presentes na minha vida, principalmente nos momentos mais difíceis, um deles é este, concluir este estudo.

Ao meu orientador, professor Dr. José Luis Sanfelice, pelo respeito ao meu tempo e pela contribuição na realização desse trabalho.

Agradeço ao meu esposo, Luiz, meu querido e maior amigo, o mais íntimo, juntos, compartilhamos das três preciosas dádivas que Deus nos confiou, nossas três filhas, Carolina, Mônica e Isabela. Meu orientador de fato, que com paciência e sabedoria incentivou-me nos momentos de intensa preocupação e desânimo, pois sem sua ajuda não seria possível chegar até aqui.

Ao meu pai (in memoriam), e a minha mãe, filhos de estrangeiros, alemão e italiano, que com luta ofereceram o melhor que puderam para dar-me uma educação de qualidade.

Aos pastores da minha Igreja, principalmente o Pastor Daniel Cadena de Freitas que diversas vezes intercedeu por mim em oração, junto a Deus para que não sucumbisse a tentação de desistir.

A todas as amigas da minha Igreja, Lica, Clélia, Ana Lúcia, Cecília e Fernanda, que concordavam com seus améns quando pedia oração para Deus dar-me ânimo e pela misericórdia de suportar-me quando estava extremamente estressada.

Ao dirigente da Diretoria Regional de Ensino de Itapeva, professor Delvi Ferreira Alexandre, pela confiança depositada e pelo respeito profissional delegado a mim nos dois anos que trabalhamos juntos.

À atual dirigente Regional de Ensino de Itapeva, a professora Edilene Aparecida Simão Freitas, pelo apoio e pela confiança e, por conceder-me tempo para dedicar-me a esta pesquisa.

Ao supervisor de Ensino Marcio Nunes de Cruz da Diretoria Regional de Ensino de Itapeva, pela paciência, pela força e contribuição inestimável em viabilizar minha viagem a Campo Grande – MS, na VII Jornada do HITEDBR, para apresentar parte deste trabalho.

Às professoras, colegas de trabalho da Oficina Pedagógica, que colaboraram de diversos modos, desde uma simples palavra de incentivo a uma consultoria de informática: Graziela, Claudialice, Carla, Ester, Neila, Leonice, Valda e João Carlos.

“Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”.

Eric Hobsbawn

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo levantar a história do Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade, anteriormente denominado Grupo Escolar de Faxina, seu papel na formação cultural - educacional da cidade e suas ligações com as questões políticas e socioeconômicas envolvidas em âmbito regional, de 1900 a 1918. Na época de sua fundação, início do período republicano, a instituição estudada foi erguida sob o auspício de um novo tempo para a educação brasileira, em que se achava que a República, como no início do período Imperial, deveria ter um “sistema nacional de educação”. Pensava-se que, por meio da educação, se alcançaria a modernização que impulsionaria o país ao progresso socioeconômico.

A instituição escolar apresenta-nos, quando de sua fundação, um importante marco histórico – patrimonial e cultural para a população de Itapeva, localizada no sudoeste do Estado de São Paulo, principal via de ligação comercial de São Paulo com o Sul, pois, observa-se nos registros da época, a preocupação dos munícipes com a instalação de uma instituição educacional. Este anseio se explica pelo fato de que a cidade surgiu das atividades primárias, do desbravamento pelos portugueses, da captura de índios no interior do país e tinha graves problemas de ordem social e econômica. Isso acaba por caracterizar a cidade e região, diferente das regiões cafeeiras do Estado de São Paulo, mais ricas e melhor atendidas pelo governo da província. Os procedimentos metodológicos da pesquisa se definem num primeiro momento na revisão bibliográfica regional, nas atas de reuniões da Câmara Municipal e na imprensa local. Buscar-se-á tecer seus nexos por meio de fontes documentais - acervo da escola, orais, iconográficos, arquitetônica, articulando o diálogo com os dados obtidos e elaborando conceitos com base na narrativa histórica. Nota-se que a preocupação na construção da escola, além de obedecer à perspectiva republicana, na tentativa de modernizar a sociedade, deveu-se à força do poder político local.

Palavras-Chaves: História da Educação, Instituição Escolar, Grupo Escolar de Faxina, Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade.

ABSTRACT

This research aims to raise the history of Coronel Acácio Piedade School Group, formerly known as School Group of Faxina, its role in the cultural-educational formation of the city and its links with the socioeconomic and political issues involved in a regional ambit, from 1900 to 1918. At the time of its foundation, early Republican period, the institution studied was built under the auspices of a new era for education in Brazil, that it was thought the Republic, as early in the Imperial period, should have a "national system of education ". It was thought that, through education, the modernization would be achieved and that would boost the country's socioeconomic progress. The school gives us, when in its foundation, an important cultural heritage milestone for the people of Itapeva, located in the southwestern of São Paulo State, the main route of commercial link between São Paulo and the South of the country, because, it is notable in the records of the time, the concern of the citizens with the installation of an educational institution. This desire is explained by the fact that the city emerged from primary activities of exploration by the Portuguese, the capture of native indians within the country and had serious problems of social and economic order. Those events characterize the city and region, different from coffee regions of the state of São Paulo, the richest one and best provided by the government of the province. The methodological procedures of the research were defined in a first stage in the regional literature review, in the City Council's minutes of meetings and the local press. The attached information has its source from documents - collection of school, oral, iconographic, architecture, articulating a dialogue with the data and develops concepts on the basis of history narrative to the categories of analysis. It is noted that the concern in the construction of schools, in addition to obey the Republican perspective, in an attempt to modernize the local society, was due to the strength of local political power.

Keywords: History of Education, Educational Institution, School Group of Faxina, Coronel Acácio Piedade School Group.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 ITAPEVA DA FAXINA | 17 |
| 1.1 Breve histórico | 17 |
| 1.2 As origens de Faxina | 19 |
| 1.3 Utilizando as atas das reuniões de Câmara para a compreensão da gênese da educação escolar de Faxina – 1820 a 1900 | 22 |
| 2 O GRUPO ESCOLAR DE FAXINA - 1900 a 1918..... | 39 |
| 2.1 Origem e instalação | 39 |
| 2.2 É criado o Grupo Escolar de Faxina | 46 |
| 2.3 Registros do cotidiano do Grupo Escolar de Faxina | 52 |
| 2.3.1 Demanda de alunos | 52 |
| 2.3.2 Inventário dos objetos | 58 |
| 2.3.3 Os professores | 59 |
| 2.3.4 Os Diretores | 65 |
| 2.5 As Matérias | 66 |
| 2.6 Exames | 70 |
| 3 - O GRUPO ESCOLAR CORONEL ACÁCIO PIEDADE – 1913 A 1918 | 73 |
| 3.1 O novo edifício do Grupo Escolar de Faxina | 75 |
| 3.2 O Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade..... | 76 |
| REFERÊNCIAS..... | 82 |
| ANEXOS | 85 |

INTRODUÇÃO

O interesse de conhecer a história do Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade nasceu após os estudos da disciplina de História e Historiografia da Escola no Brasil, do curso de Mestrado desta Universidade, despertando-me para um outro olhar sobre o objeto de estudo desta pesquisa. Estimulada ainda pela arquitetura e pela significação social que a instituição representa, pude vislumbrar uma possível contribuição à História da Educação Brasileira no âmbito local. Diante disto pensei qual o sentido do passado desta escola para a sociedade de Itapeva? Como diz Hobsbawm (1998, p. 22), “O problema para os historiadores é analisar a natureza desse ‘sentido do passado’ na sociedade e localizar suas mudanças e transformações”.

Essa instituição escolar revela-se, quando da sua fundação, um importante marco histórico, patrimonial e cultural para a população da cidade, pois se observa nos registros da época a preocupação dos munícipes com a instalação de uma instituição educativa.

A instituição pesquisada está inserida num contexto particular sem, contudo, estar isolada do geral. Na época de sua fundação, final do século XIX, início do período republicano, a instituição estudada foi erguida sob o auspício de um novo tempo para a educação brasileira, onde se achava que a República, como no início do período Imperial, deveria ter um “sistema nacional de educação”. Pensava-se que, por meio da educação, se alcançaria a modernização que impulsionaria o país ao progresso socioeconômico.

Para isso deveriam ser criadas ou instituídas as escolas, construir uma nova ordem, um comando para convencer o povo a servir o progresso almejado pela elite política vigente. Assim, como tantas outras instituições que foram criadas sob este lema, há uma gama de especificidades que devemos desvendar para compreender os processos por que passou e passa a educação brasileira.

A problemática da pesquisa baseia-se em subtrair as intenções da política educacional presente no discurso do modelo republicano. Havia um otimismo em relação às mudanças educacionais na época da fundação do grupo escolar, o que instiga a pensar que, mesmo em uma pequena cidade com grandes dificuldades econômicas, a construção vinha ao encontro da perspectiva educacional da

República. Neste contexto várias cidades do interior do Estado foram contempladas com edificações semelhantes. O grupo escolar da cidade de Faxina - SP faz parte do rol dos primeiros grupos escolares construídos no início da República, no Estado de São Paulo.

A implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo ocorreu no interior do projeto republicano de educação popular. Os republicanos mitificaram o poder da educação a tal ponto que depositaram nela não apenas a esperança de consolidação do novo regime, mas a regeneração da Nação. A escola primária tornou-se uma das principais divulgadoras dos valores republicanos; por isso, os grupos escolares tornaram-se um símbolo. Era preciso torná-los evidentes, exibí-los, solenizá-los (SOUZA, 1998, p. 16).

Então a questão que se coloca é: o que significa historiar o Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade, para a educação brasileira ou ainda: o que significa o singular no geral? Segundo Neves (1992) “não se trata da História Cultural – uma das versões da Nova História - a valorização individual, a verdade relativizada e a importância da subjetividade”. Para nós trata-se de buscar compreender suas correlações com o sistema educacional global. Entender sua realidade, identidade, temporalidade, condição material e sua cientificidade na prática social, sem perder, contudo, sua perspectiva histórica.

A nossa história da educação tem primado por focalizar a escola seja sob a lente da legislação e organização escolar, seja sob a lente das demandas de escolarização da sociedade brasileira, seja sob a perspectiva do pensamento pedagógico ou do ideário. Muito pouco sabemos, no entanto, sobre as suas práticas: como elas se materializavam? Quais os seus efeitos? Como traduziram o movimento de modernização da sociedade, movimento este que também ajudaram a construir? Estas questões crescem em importância se considerarmos que elas operam um deslocamento de enfoque dos modelos dominantes de escolarização (a Escola Tradicional, a Escola Nova, por exemplo) para múltiplas e diferenciadas práticas de apropriação desses modelos nas quais a ênfase da problematização recai sobre os usos diversos que os agentes escolares fazem da própria instituição escolar, sobre a prática de apropriação de práticas não escolares no espaço escolar e os múltiplos usos não escolares dos saberes pedagógicos (NEVES, 1992, p. 152).

O objeto de estudo passa pela percepção particular, dentro de um contexto político, social, econômico e cultural. A atenção deve estar voltada às suas particularidades.

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador,

é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas. Mas o essencial é tentar responder à questão de fundo: o que esta instituição singular institui? O que ela institui para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida? Mais radicalmente ainda: qual é o sentido do que foi instituído? (SANFELICE, 2005, p. 24)

Esta pesquisa trata, de analisar a questão: o Grupo Escolar Acácio Piedade é mais um grupo escolar construído no início do modelo político republicano, portanto, atende à perspectiva educacional do novo regime como: prédio, método, organização administrativa e pedagógica? segundo Castanho (2007), final do Império e Primeira República no Brasil, “a educação torna-se uma prática institucional escolar”, isto é, realizada na instituição que historicamente se especializou na tarefa educativa, a saber, a escola”.

A institucionalização da educação pública escolar de Faxina inicia-se com a fundação do Grupo Escolar de Faxina no ano de 1900, cujo prédio foi adaptado para o funcionamento da escola. Após dez anos a Câmara consegue junto ao governo do Estado a construção de um prédio específico, de notável arquitetura, para o Grupo no alto de uma colina na zona central da cidade. O novo prédio é inaugurado em 1913 com grande estilo pelas autoridades. Nota-se a importância que é dada à instituição educativa pela presença atuante do poder político local. Após cinco anos instalados no novo prédio, em 1918, o Grupo Escolar de Faxina passa a ser denominado Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade, em homenagem ao importante líder político regional da República.

O estudo específico de uma instituição leva a investigar a resposta a uma pergunta que se faz pertinente: por que fazer a história de instituições escolares ou educativas? Primeiro deve-se entender o significado do termo instituição que, segundo Houaiss (2001, p.627) é: “Ato ou efeito de instituir (dar começo à) estabelecimento, criação, instauração... Organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatutos... Estabelecimento destinado ao ensino, à educação; escola, instituto”. Entende que uma instituição é importante pela função a que é criada, designada, de direito e necessária à população de uma sociedade. O seu estabelecedor, quem institui, tem o compromisso de dar formação, continuidade, muitas vezes de manter com o propósito pela qual foi instituído, controlar as respectivas estruturas sociais e políticas das sociedades, dos estados e das

pessoas. Como ressalta Saviani (2007, p. 5):

Mas, se as instituições são criadas para satisfazer determinadas necessidades humanas, isto significa que elas não se constituem como algo pronto acabado que, uma vez produzido, se manifesta como um objeto que subsiste à ação da qual resultou, mesmo após já concluída e extinta a atividade que o gerou. Não. Para satisfazer necessidades humanas as instituições são criadas como unidades de ação. Constituem-se, pois, como um sistema de práticas com seus agentes e com os meios e instrumentos por eles operados tendo em vista as finalidades por elas perseguidas. As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade à qual servem.

Para Sanfelice (2001), “É preciso ter presente que as possíveis Histórias de Instituições Escolares vão estar sempre no âmbito da História da Educação”. Historiar uma instituição escolar específica é compreender ao mesmo tempo o singular e os processos da realidade sociocultural e material. “A singularidade das instituições educativas mostra e esconde como ocorreu e/ou ocorre o fenômeno educativo escolar de uma sociedade” (SANFELICE, 2005).

Conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia de sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagético e projetivo, representações, tradição e memórias, práticas, envolvimento, apropriação. A dimensão material alarga-se enquanto a dimensão simbólica reporta à participação e à construção educacional. Trata-se, portanto, de uma construção subjetiva que depende das circunstâncias históricas, das imagens e representações dos sujeitos, e que é afetada por dados de natureza biográfica e grupal (MAGALHÃES, 2004, p.58).

Para isso, os procedimentos metodológicos da pesquisa se definem num primeiro momento na revisão bibliográfica regional. Buscar-se-á tecer seus nexos por meio de fontes documentais – acervo da escola, orais, iconográficos, arquitetônica, articulando o diálogo com os dados obtidos e elaborar conceitos com base na narrativa histórica.

A presente pesquisa dividiu-se em três capítulos: no primeiro, **Itapeva da Faxina**, faz-se, de início, um breve panorama da história da cidade - séculos XVIII e XIX. Depois, num segundo momento, utilizou-se das atas das reuniões de Câmara para compreensão da gênese histórica da educação escolar de Faxina, **a partir de 1829 a 1888**, pois se pensa ser essencial este levantamento para a compreensão do processo histórico de sua institucionalização escolar, que teve início no final do

Império.

No segundo capítulo, **O Grupo Escolar de Faxina – 1900 a 1913** pretendeu-se descrever a origem e instalação da instituição, bem como apresentar os registros do cotidiano da escola, com o objetivo de captar o ideário republicano, por meio de análises das fontes primárias: Livro Ponto de Professores, Livros de Chamadas, Livro de Inventário, Livros de Lições, entre outros. Segundo Saviani (2006), fontes “(...) são pontos de origem, a base e o ponto de apoio para a produção historiográfica”. Procurou-se demonstrar por meio destas fontes a demanda de alunos, a formação do quadro docente, os diretores da época, registros de lições, os exames e as festas de finais de ano. O levantamento destes dados foi possível por estarem em estado de relativa conservação, apesar do tempo que ficaram armazenados no porão da atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade, graças à consciência histórica de alguns diretores.

O terceiro capítulo, **O Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade – 1913 a 1918**, inicia-se com a instalação do novo prédio até a mudança do nome para Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade. Procurou-se demonstrar os festejos, o estilo, a descrição da arquitetura do prédio bem como a figura do patrono.

1 ITAPEVA DA FAXINA

Neste capítulo pretende-se expor a história da cidade e os primeiros vestígios de educação em Itapeva, destacando o século XIX e início do século XX. Para o levantamento de dados foram utilizadas como fontes as antigas atas de reuniões da Câmara Municipal, jornais da cidade e trabalhos já realizados por antigos historiadores e memorialistas.

1.1 Breve histórico

O município de Itapeva está situado na região sudoeste do estado de São Paulo. Dista aproximadamente 300 km da cidade de São Paulo, apresenta clima subtropical úmido e vegetação da Mata Atlântica, Cerrado e Mata de Araucárias (ARAUJO, 2006, p. 3).

Segundo historiadores do local, para se fazer um estudo da história de Itapeva temos que a partir do período pré-colonial e seus antigos habitantes: grupos indígenas, caçadores-coletores, nômades, que se alimentavam de mariscos e frutos silvestres. Há cerca de 2 mil anos surgem dois grupos distintos na região: Kaigangs e Guaranis que praticavam a agricultura de subsistência e semeavam espécies de plantas já domesticadas como a mandioca, o milho e o algodão; eram assim os agricultores pré-coloniais (ARAUJO, 2006).

A ocupação das terras paulistas, na fase colonial, pelos europeus, ainda é pouco conhecida. Sabe-se que a expansão da ocupação do interior de São Paulo deve-se, principalmente, à penetração das Bandeiras, utilizando caminhos e rotas demarcadas pelos indígenas. O deslocamento de europeus para a região do sudoeste paulista se dava por essas antigas trilhas em direção ao Sul.

Para a comunicação com a possessão castelhana do Paraguai contava a capitania Vicentina, de 1540 a 1553 com o caminho (aberto pelo governador espanhol Angel Nuñez Cabeza de Vaca) chamado *piabiru* pelos índios, e Caminho de São Tomé pelos Jesuítas – vereda que ligava São Vicente à margem do Rio Paraná, cortando o Paranapanema, o Tibaji, o Ivaí e o Piqueri – e por onde viera, de Assunção, o aventureiro Ulrico Schimel (BRUNO, 1966, p. 17).

O caminho do Piabiru representava uma importante via de comunicação da Capitania de São Vicente com o Sul do país e com a América espanhola. Era uma trilha bem demarcada:

“Partindo da Capitania de São Vicente, em São Paulo, essa vasta rede de caminhos que possuía uma direção geral Leste-Oeste, atravessava todo o território paranaense indo dar no rio Paraná na altura da foz do rio Piquiri. Saindo do atual território brasileiro, ele cortava o Chaco paraguaio até chegar aos planaltos peruanos e dali ao Oceano Pacífico” (COLODEL, 1988, p. 4).

Mais tarde, as Bandeiras que usavam essa rede de estradas, serviram como fator decisivo para desarticular e romper com a expansão espanhola. Em 1553, por ordem de Tomé de Sousa, a rota foi fechada com a intenção de segurar as invasões espanholas rumo ao Oceano Atlântico.

As bandeiras percorriam o interior do Brasil com o objetivo de capturar índios para serem vendidos como escravos. A caça aos índios tornara-se a sua única ocupação e fonte de riqueza, que acabava em ser defendida com grande empenho e crueldade.

As notícias que circulavam sobre a possibilidade de encontrar-se ouro na selva atraíam às terras paulistas todo tipo de gente. A descoberta do ouro na região das Minas Gerais impulsiona os paulistas a uma atividade bastante significativa para dar sustentação à importação e exportação de mercadorias: criação e comercialização do gado muar, cavalar e vacum nos campos de Curitiba. Segundo Cavani (2006, p. 71) “Em 1712, o comércio entre paulistas e curitibanos é intensificado e, nesse contexto, começam a surgir às *paragens* (locais onde os viajantes/comerciantes paravam para descansar e pernoitar) na região recortada pelo antigo Piabiru”.

A partir de 1725, começam a ser ocupados os campos situados na planície litorânea que faziam limite a oeste com o escudo Rio Grandense, recebendo o nome de Campo de Viamão, devido à visão do estuário do rio Guaíba, que se podia ter de um promontório junto a atual cidade do Viamão. A pedido do governador da Capitania de São Paulo, Francisco Souza Faria parte do Viamão, em 1728, subindo a Serra Geral, chegando aos campos de Vacaria dos Pinhais, onde encontra grande quantidade de gado. Seguindo, chega a Curitiba em 1730, “fazendo nascer o longo Caminho de São Paulo ao Viamão – simplificadaamente, Caminho de Viamão – incorporado ao antigo trecho Sorocaba – Curitiba” (STRAFORINI, 2001, p. 27, 28)

No Caminho de Viamão, tornaram-se obrigatórias as passagens dos tropeiros, comerciantes de gado, tropas de cavalos e burros. Vindos de Viamão - Rio Grande do Sul, passavam por Lages - Santa Catarina, Curitiba, Ponta Grossa, Castro, Jaguariaiva – Paraná, Itararé, Faxina (Itapeva), chegando à Feira de Sorocaba - São Paulo. Em 1765, os paulistas recebem D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, para governar a província. O Caminho era pouco povoado por isso, D. Maria I, Rainha de Portugal, ordena ao Morgado de Mateus, o interventor da coroa na província de São Paulo, providências no sentido de serem criadas as freguesias de Itapetininga e de Faxina com o intuito de aumentar as povoações nessas regiões.

1.2 As origens de Faxina

Faxina nasceu de uma sesmaria em território então pertencente ao município de Sorocaba. A começar do Rio Paranaíba, até o rio Itararé, divisa com o município da Vila de Curitiba, nas rotas do Sul. Aos dez de junho de 1766 é divulgado em altas vozes pelas ruas da Vila de Sorocaba, acompanhada do rufar de tambores, a notícia de fundação de Faxina. O pregão foi feito pela Câmara de Sorocaba, com atas lavradas, assinadas pelo colonizador Antonio Furquim Xavier Pedroso. Na ocasião, o Morgado de Mateus, nomeia Furquim diretor da Povoação de Faxina até que a vila fosse oficialmente fundada.

Em 27 de junho de 1769, o governador da Província de São Paulo, ordena providências para a ereção da Vila de Faxina. A vila foi fundada em 20 de setembro de 1769, conforme as setes atas lavradas: a que se refere à fundação e apregoada pela câmara Municipal de Sorocaba; a da escolha do local para o pelourinho, “que, como se sabe, é apanágio das cidades” (Saint-Hilaire, 1976), em sinal de jurisdição; a que trata da localização dos lotes para a casa da Câmara e cadeia; a fixação da área de jurisdição do termo, e que ia do rio Paranaíba até o rio Itararé; demarcação do rossio da vila, isto é, a quadra destinada à praça central da vila; termo de vereança dos oficiais da Câmara de Sorocaba, determinando as providências finais de fundação; por último, a da nomeação, pelo Dr. Salvador Pereira da Silva, dos vereadores, procurador, juizes de paz e de órfãos, tabelião e

outros necessários.

Em 15 de março de 1770 a primeira câmara foi constituída e Furquim Pedroso o primeiro juiz. No mesmo ano concluí-se o templo religioso, e a Vila passou a ser chamada Freguesia da Faxina.

Inicialmente a Vila de Faxina foi erguida numa área de capões e campos. No ano de 1785, atendendo às solicitações dos moradores e do Sargento-mor da Vila de Faxina, o Capitão General Francisco da Cunha Meneses, presidente da província de São Paulo, transfere a vila para um novo local, pois a topografia facilitava os ataques dos índios. A Vila de Faxina foi transferida do atual bairro de Vila Velha para um sítio denominado Itapeva. No final de 1785 a mudança estava concretizada e chamou-se Vila de Itapeva da Faxina. O colonizador Furquim Pedroso desentende-se com os moradores e abandona a vila. Foi delegado ao Sargento-mor Felipe de Campos Bicudo a mudança da vila, assim descrito pelo historiador local Barbosa. (1984)

Em 20 de julho de 1861, pela Lei Provincial nº 13, a Vila de Itapeva da Faxina é elevada à categoria de cidade, após cem anos de existência; chamando-se então, cidade de Faxina.

Assim, os antigos habitantes de Faxina descendiam dos brancos colonizadores, os portugueses que se misturaram com os bugres, constituindo, assim, o tipo humano mestiço, e, de alguns africanos escravos, o que lhes deu características étnicas peculiares. Dentro destas circunstâncias de vida dos antigos paulistas, Darcy Ribeiro nos coloca que:

Esse modo de vida rude e pobre era o resultado das regressões sociais do processo deculturativo. Do tronco português, o paulista perdera a vida comunitária da vila, a disciplina patriarcal das sociedades agrárias tradicionais, o arado e a dieta baseada no trigo, no azeite e no vinho. Do tronco indígena, perdera a autonomia da aldeia igualitária, toda voltada para o provimento da própria subsistência, a igualdade do tronco social de sociedades não estratificadas em classes, a solidariedade da família extensa, o virtuosismo de artesão, cujo objetivo era viver ao ritmo em que os seus antepassados sempre viveram (1995 P. 366, 367).

Isso mostra que o paulista perdeu o melhor da herança cultural tanto dos portugueses como dos indígenas.

Deste modo, os faxinenses, como não podiam deixar de ser, descendentes dos antigos colonizadores que se misturaram com os índios, deram origem aos mamelucos. Como diz Prado Jr. (2004 p.42) “constituíram o que mais tarde se

chamou de "caboclos", e formariam o embrião de uma classe média entre os grandes proprietários e os escravos," rudes e sofridos pelo tipo de vida, exigido pelas circunstâncias, adaptaram-se ao modo da cultura do índio.

Ao mesmo tempo, tornaram-se hábeis na busca de escravos indígenas que lhes eram permitidos somente à catequização, professarem a fé cristã e salvar almas do fogo do inferno. Maria Lucia Ribeiro (2003, p. 23) ressalta que "Os *instruídos* serão descendentes dos colonizadores. Os indígenas serão apenas *catequisados*". Muito desses índios, crianças e mulheres eram tratados como se fossem animais, forçados ao trabalho da terra. Apresentavam, entretanto, resistência à submissão, devido à estrutura igualitária tribal.

[...] Na sua vida nativa, mesmo na civilizada quando se empenha em tarefas que conhece, e sobretudo cujo alcance compreende, o selvagem brasileiro é tão ativo como os indivíduos de qualquer raça. Será indolente, e só aí o colono interessado o enxergava e julgava, quando metido num meio estranho, fundamentalmente diverso do seu, onde é forçado a uma atividade metódica, sedentária e organizada segundo padrões que não compreende. Em que até os estímulos nada dizem a seus instintos: a ganância, a participação em bens, os prazeres que para ele não são nem bens nem prazeres. Nada houve de mais ridículo nos sistemas de educação dos índios que isto de tentar levá-los por tais incentivos, modelados por figurinos europeus e estranhos a seus gostos (PRADO JR, 1997, p. 348).

É para esse povo que os primeiros serviços educacionais serão solicitados ao governo da província: descendentes dos colonizadores e de indígenas, que tinham como sustento principal o cultivo da terra, a criação e o comércio de gado, portanto uma gente, em sua grande maioria analfabeta e rude, que levava uma vida dura e sofrida.

No contexto da organização econômica, Faxina fazia parte do conjunto de vilas que serviam como entreposto de circulação de mercadorias. Praticava-se o aluguel de pastagens nas fazendas de invernagem, áreas de descanso e engorda das tropas de muares até atingir o mercado de Sorocaba. No setor agrícola, nas terras de boa qualidade, Faxina herdara dos indígenas o cultivo do milho, firmando-se, juntamente com o Brasil, um modelo econômico agrário.

Itapeva pertenceu a várias Comarcas: Itu, Itapetininga, Botucatu, retornou a Itapetininga e a partir da Lei nº. 46 de 06 de abril de 1872, passa a constituir a comarca de Faxina. Segundo Barbosa (1988) "em 1874, pelo recenseamento local, Itapeva possuía uma população de 10.094 habitantes". Pelo Decreto nº. 9775, de 30 de novembro de 1938, a Comarca de Faxina passou a ser a Comarca de Itapeva,

nome que perdura até hoje.

1.3 Utilizando as atas das reuniões de Câmara para a compreensão da gênese da educação escolar de Faxina – 1820 a 1900

Com o intuito de entender como foi instituída a educação escolar em Itapeva, buscou-se os documentos existentes no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapeva. Alguns se revelaram de especial interesse, os manuscritos produzidos pelo historiador local, professor Euflávio Barbosa, que historiou e reproduziu parte dos ofícios, comunicados, despachos das atas da Câmara Municipal de 1769 a 1889. Então, esta pesquisa utiliza-se dessas atas de reuniões da Câmara como fonte para a compreensão do início da educação escolarizada em Faxina. Sabe-se que as atas tornaram-se importantes documentos na produção do conhecimento histórico, pois auxiliam na interpretação dos acontecimentos dos anos do passado. No período colonial, as Câmaras Municipais eram importantes órgãos eletivos para a administração local e detinham um poder considerável.

“Grande parte dos negócios públicos, inclusive matérias relevantes de caráter geral, eram tratados e resolvidos nas Câmaras, que chegaram num momento a legislar sobre quase todos os assuntos governamentais. Isto vai desaparecer com a nova ordem instituída em meados do séc. XVII. Os representantes diretos do poder real irão aos poucos reivindicando para si toda a autoridade, e acabam transformando as Câmaras em simples executoras de ordens deles emanadas” (PRADO JR. 2004, p. 51-52).

As Câmaras serviam de executoras das ordens dos representantes do poder. Tinham uma autonomia dentro do limite que lhe foi outorgada. Tratavam em reunião as necessidades do local e encaminhavam os ofícios ao Governo da província. Em Itapeva da Faxina, isso não é diferente, mesmo pequena, pobre, rude e com toda a dificuldade que apresentava o sertão, existia uma Câmara, a representante do poder local que zelava por cumprir as ordens do poder central.

Por volta de 1820, Faxina não chegava a 2.000 habitantes e o interesse em instrução não era assunto importante.

“Não havia ali 2.000 habitantes, e sua administração ficava a cargo de dois juizes ordinários. (...) Itapeva fornece uma grande quantidade de bois à

cidade do Rio de Janeiro. Parece, entretanto, que a maioria das fazendas da região – de resto em pequeno número – pertence a homens abastados que não moram nelas (...) que a região permanece na miséria, e o pouco de dinheiro que aí circula se deve principalmente às tropas que vêm do Sul. Nas terras de boa qualidade o milho rende à razão de 150 a 200 por 1, mas a cana-de-açúcar não pode ser cultivada, por causa das geadas de junho e julho” (SAINT-HILAIRE, 1976, P. 220).

Como se vê as necessidades básicas eram prementes, portanto o interesse pela instrução pouco preocupava.

Ao continuar a investigar as atas, percebeu-se que o primeiro registro de manifestação a favor da fundação de uma escola de primeiras letras em Faxina aparece em ata de uma reunião da Câmara em 15 de fevereiro de 1829, onde consta uma troca de correspondência entre as lideranças locais e o governo da Província abordando a necessidade de providências para a instrução do povo. Dizia o ofício:

Ilmo. Exmo.sr.

Em observância do ofício de V.Exa., de cinco de novembro do ano próximo passado, em que exige informação sobre as aulas de gramática latina e escolas de primeiras letras de nosso distrito, e que respondemos a V.Exa. que nesta vila não há aulas de gramática latina nem de primeiras letras. É o que podemos informar a V.Exa.
Itapeva, em Câmara de 15 de fevereiro de 1829.

Este ofício demonstra que até aquela data não se tinha nada de instrução pública em Faxina. Parecia haver um desconhecimento por parte do governo da Província, de quê e qual instrução o povo da Província de São Paulo se beneficiava. Percebe-se, também, que a resposta somente foi enviada depois de três meses do ofício expedido, pois a data da informação solicitada era de cinco de novembro de 1828 e a resposta à informação só foi enviada em fevereiro de 1829. Faz pensarmos que o governo necessitasse desta informação para possíveis providências, pois, havia um movimento político em favor da educação popular para todo o país.

Nesse período, durante o Brasil Imperial, havia se passado sete anos da recém conquistada emancipação política em 1822 – que nada mudou no ensino brasileiro, com a crise econômica – desequilíbrio da balança comercial, insuficiência de recursos e a instabilidade política, “consequentemente, os recursos exigidos para a reorganização da estrutura escolar não estarão disponíveis, além do que, diante de tão grave situação, a educação escolarizada não será vista como setor prioritário”

(RIBEIRO, 2001, p. 48).

A Constituição de 1824, no art. 179, estabelecia que a instrução primária fosse gratuita para todos os cidadãos, porém, havia poucas escolas de instrução primária pública. Essa sociedade, de estado imperial, composta de uma massa de trabalhadores indígenas, negros, brancos e mestiços, pobres, deveriam ser instruídos por direito. Portanto, também era de direito que o povo de Faxina recebesse a instrução básica.

Com a lei de 15 de outubro de 1827, o ensino primário transforma-se em escola de primeiras letras.

Analisando-se a Lei de 15 de outubro de 1827, única lei geral relativa ao ensino elementar até 1946, mais uma vez se tem a comprovação dos limites com que a organização educacional era encarada.

Esta lei era o que resultara do projeto Januário da Cunha Barbosa (1826), onde estavam presentes as idéias da educação como dever do Estado, da distribuição racional por todo o território nacional das escolas dos diferentes graus e da necessária graduação do processo educativo.

Do projeto vigorou simplesmente a idéia de distribuição racional por todo o território nacional, mas *apenas* das escolas de primeiras letras, o que equivale a uma limitação quanto ao grau (só um) e quanto aos objetivos de tal grau (primeiras letras) (RIBEIRO, 2003, P. 46).

Nas províncias, cidades e vilas, o ensino, a vida política e econômica encontra as mesmas dificuldades que se arrastam desde o período colonial.

Havia no ideal popular um sonho de garantia de educação para todos, mas nota-se que o interesse e o esforço político da província e da União eram, nesse sentido, quase nulos.

Em Itapeva da Faxina a vila se achava em circunstância miserável: sofria frequentemente ataque dos índios, pois os faxinenses guerreavam com os bugres a fim de escravizá-los. Com o movimento das tropas, muitas pessoas acompanhavam os tropeiros que vindos do Sul, de passagem em suas invernadas, assaltavam as fazendas e invadiam com as tropas as áreas de cultivos. Praticava-se o cultivo do milho e do feijão como uma das principais atividades econômicas. A agricultura de subsistência já se usava desde o período colonial dedicada unicamente à produção de gêneros de manutenção dos grandes produtos de exportação, como o açúcar, o tabaco e depois, conseqüentemente, a do ouro.

Diante de tais problemas de real sobrevivência, a instrução, a escola de primeiras letras, pareciam estar presentes na vontade dos cidadãos e na dos

políticos do local, que em diversas vezes voltavam à pauta da Câmara, como consta traduzido no manuscrito de Barbosa (1988, p. 60):

Sendo-nos presente o ofício de V. Exa. Datado de 30 de abril do corrente ano, acompanhado do edital incluso sobre o concurso da escola de primeiras letras desta vila, exigindo-nos o dia que se verificasse a publicação de dito edital, e que participamos a V. Exa. Que foi publicado aos 3 de junho p.p.
Deus guarde a V. Exa.
Vila de Itapeva, em sessão ordinária de 14 de julho de 1832.
Floriano José de Carvalho

Está explícito no ofício acima que a criação da escola local já estava autorizada pelo governo provincial, porém as autoridades locais demoravam em implementar as providências necessárias ao funcionamento efetivo da mesma. Portanto, o que parece é que, como já se disse, (Ribeiro, 2003) “os recursos exigidos para a organização da estrutura escolar não estarão disponíveis”.

Em 1838, segundo Saint-Hilaire (1976, p. 220), “havia em Faxina 4.000 indivíduos, havendo, em conseqüência mais do que duplicado em 10 anos. O número de escravos – lamentável indício de prosperidade – que em 1815 não ultrapassava 240 elevava-se em 1838 a 657”. Isso demonstra que esses escravos eram os Índios (bugres), pois a caça a esses indivíduos era constantemente citada nas atas de reuniões da Câmara pelos faxinenses, descrevendo as prisões e os maus tratos.

O assunto das pautas de reunião da Câmara, sobre a criação de uma escola de primeiras letras acontecia com certa regularidade. Quem reivindicava era a pequena elite do local, formada por pequenos fazendeiros (agricultores e criadores de gado bem sucedidos), comerciantes e políticos.

A notícia que se encontrou dessa época, relatada em uma reunião de Câmara, trata de uma solicitação da presença de um examinador para avaliar um mestre que apareceu na vila e, aproveitando a presença do mesmo, pedia urgência na sua contratação, pois era muito raro encontrar-se um professor, mesmo que pouco qualificado. A necessidade de pessoal qualificado para se trabalhar na educação, desde o ensino elementar ao superior era grave em todo o país. Já havia um considerável contingente de crianças com idade escolar e com isso, uma pressão coletiva de incentivo ao ensino que, se era difícil ter uma escola, muito mais escasso era formar professores aptos para ensinar.

Mesmo, as “escolas de primeiras letras” são em número reduzido, como limitado é o seu objetivo, seu conteúdo e sua metodologia. Elas enfrentam problemas dos quais se tem notícia através dos relatórios dos ministros da época: era difícil encontrar pessoal preparado para o magistério, havia completa falta de amparo profissional, fazendo da carreira algo desinteressante e não motivando um aprimoramento constante, a população era mínima. Em 1835 (Niterói), 1836 (Bahia), 1845 (Ceará) e 1846 (São Paulo) são criadas as primeiras escolas normais visando uma melhora no preparo do pessoal docente. São escolas de no máximo dois anos e em nível secundário. (RIBEIRO, 2003, p. 49).

Havia necessidades prementes, não somente em pequenas localidades, mas em qualquer parte do território brasileiro. A instrução pública era vista como força motriz que podia impulsionar a sociedade ao progresso. Neste período, na tentativa de suprir a carência de professores, difundiu-se o método mútuo ou Lancaster (1823-1833) no Brasil, quando alunos mais adiantados auxiliavam o professor no ensino dos alunos menos adiantados. Então, pode-se pensar que, por esse curto tempo, os professores tiveram esse tipo de formação, incipiente, no preparo da profissão docente. No contexto político, em 1834, desmantelam-se os esforços de se organizar um sistema educativo que vinha lentamente se desenvolvendo. Isto vem acontecer a partir do movimento que leva D. Pedro I a abdicar. O movimento, de tendências descentralizadoras, leva a confirmar quanto ao governo da União a se eximir de organizar, de maneira uniforme, a educação primária e secundária para todo o país. Fernando de Azevedo (1963, p. 568) descreve que:

[...], a ausência, na educação do país, de um pensamento coletivo ou de unidade de orientação, não era mais do que uma das expressões do estado flutuante e molecular da sociedade, que resultou do caráter fragmentário de nossa formação social e das divergências fundamentais de interesses e de idéias, ligadas às diferenças de nível cultural e econômico das províncias, como das classes sociais. Foi esse estado de inorganização social que dificultou a unificação política e impediu a consolidação educacional num sistema de ensino público, se não uniforme e centralizado, ao menos subordinado a diretrizes comuns. Mas a reforma de 1834, em vez de estabelecer medidas tendentes a resolver problema, o agravou, tornando impossível a solução, dentro dos nossos quadros constitucionais. Nenhuma perspectiva, daí por diante, para uma política educacional de larga envergadura.

A educação teria de arrastar-se, através de todo o século XIX, inorganizada, anárquica, incessantemente desagregada. Entre o ensino primário e secundário não há pontes ou articulações: são dois mundos que se orientam cada um na sua direção.

Nessa época, o acontecimento político em evidência era a eleição do novo regente do Brasil, o que em nada mudaria na educação.

Em Faxina, entretanto, a Câmara dos Vereadores solicita ao governo da

Província uma casa para as aulas de Primeiras Letras regidas por um professor que já se encontrava na cidade.

Anexado a ofício da Câmara Municipal de Itapeva, sessão ordinária de 16 de janeiro de 1839, há a seguinte petição: diz Manuel Mendes Ferraz, professor de primeiras letras deste município, que achando-se por V.Sas. empossados e já em exercício daquele emprego, precisa, a bem do desempenho de obrigações inerentes, que V. Sas. Apresentem ao governo presidencial a necessidade em que está o suplicante de umas casas nesta vila com sala suficiente para a continuação de sua aula, assim como de todos os mais utensílios necessários, bem como as instruções para regulamento do suplicante e tudo o mais quanto o mesmo governo entender necessário e de lei... “. (BARBOSA, 1988, p. 142)”.

O professor foi nomeado em despacho de 25 de novembro de 1838, conforme ofício da Câmara Municipal datado de 16 de janeiro de 1839. O ofício demonstra que as necessidades elementares para o funcionamento de uma escola em Itapeva da Faxina não eram atendidas. Aos professores sobrecarregavam os serviços básicos de conservação das instalações e promoção das aulas. Fica evidente que não havia interesse por parte dos governos central, provincial e pouco as autoridades locais podiam fazer, afinal a instrução serviria a uma pequena elite. Como diz Maria L. Ribeiro (2003) “Não é, portanto, de se estranhar, levando-se em consideração tal contexto, que a organização escolar brasileira apresente, na primeira metade do século XIX, graves deficiências quantitativas e qualitativas”.

Logo em seguida, aparece um outro registro de ata no qual o professor reclama à Câmara Municipal sobre seu reduzido salário, provavelmente o professor Manuel Mendes Ferraz, cujo comunicado encontra-se incompleto, faltando o final, a data e a assinatura do reclamante. O professor faz à Câmara o apelo:

[...] que talvez por inadvertência acaba de praticar para comigo o Sr. Presidente da província e é que sem dúvida mal informado das atuais circunstâncias deste município, dando-se na lei Provincial nº. 12, passou a diminuir-me o mesquinho ordenado de 360\$000 que tinha sido marcado para esta cadeira taxando-o em 240\$000, salário este que nem pela mais estreita economia pode ser...” (BARBOSA, 1988, p. 143)

O professor reclama do rebaixamento do parco salário que, legalmente, lhe era de direito e, entende-se, que o ordenado mal dava para sobreviver em um município de difícil situação. O descaso à educação escolar era também extensivo ao trabalho dos professores. Quando havia alguma vantagem em relação à educação, esta ficava restrita à cidade da corte, Rio de Janeiro, centro da vida

intelectual do país. O Estado não pagava bem e muito menos dava garantia profissional aos professores. Em Itapeva da Faxina, cidade pobre e atrasada, todo tipo de dificuldades se mostrava. Em relação à redução do ordenado, a Câmara Municipal manifesta-se em apoio ao professor, que justifica ressaltando a presença de “barbados” nas aulas.

A Câmara envia de maneira sutil, uma reivindicação junto ao Governo sobre a necessidade de se ter uma escola e mais ainda em manter um professor. Assim demonstra o ofício:

A Câmara Municipal, recebendo a representação do professor de primeiras letras desta vila, e tomando na devida consideração, resolve levar ao conhecimento de V.Exa., restando da parte desta Câmara a confirmar tudo quanto o mesmo alega, e acrescentando mais: que a falta de professor nesta vila tem dado lugar a se achar moços de barba na aula, e mesmo cinqüenta alunos, com quantos se acha, devendo o mesmo esperar muito mais. Além disto, ser esta vila donde se municiam todos os passageiros, sendo isto apresentado até a vila de Castro, por onde encarecem muito os víveres e o mesmo ser bastante distante do ponto de mar, por isso tudo com preço duplicado, mas como não nos pertence deferir ao representante, levamos ao conhecimento de V.Exa., que mandará o que for servido.

Deus guarde a V.Exa. Vila de Itapeva, em sessão extraordinária, 16 de março de 1839.

João Nepomuceno Loureiro
 Salvador Loureiro de Almeida
 Alexandre José Ferreira
 João Cardoso
 José Mateus Lima
 (BARBOSA, 1988, p.143).

O poder local consistia de pouca autonomia, mas reivindicava ao governo da província as medidas para viabilizar a educação ao povo da Vila, que até essa época, descreve o total de cinqüenta alunos. Com esta quantidade de alunos, provavelmente eram filhos de uma elite, que diante de tal pobreza, tinha-se também, dentro desta mesma classe, uma divisão desigual e, já, com idade escolar avançada, por isto, a Câmara se refere aos homens de barba freqüentar as aulas. Interessaria a quem resolver esta situação se não havia uma política de educação integrada entre a União e as Províncias. É citado no ofício de reunião de Câmara do dia 13 de outubro de 1839, que o professor Mendes Ferraz faleceu em agosto, ficando vaga sua cadeira que possuía, nessa ocasião, sessenta alunos. Francisco Borges do Canto entrou com petição reivindicando para si a cadeira vaga, e a Câmara enalteceu o pretendente em ofício ao Presidente da província, recomendando sua nomeação: “... a vista da necessidade que há de professor, por

si e pelos habitantes do município, implora haja de atender seu pedido afiançando-se sobre cumprimento de seu dever”.

Tal ofício foi respondido a 26 de novembro do mesmo ano, mas é ilegível seu despacho. A Câmara encaminha ao Presidente da Província a petição do pretendente, Francisco Borges do Canto, à cadeira vaga, que é aceita. Temos de um lado uma situação de incompetência em oferecer instrução básica à população em idade escolar e a mesma se repete na preparação da formação de professores.

A organização das escolas normais, iniciada na terceira década do século XIX trouxe pequena melhora. Pequena, devido à situação de instabilidade de tais cursos, por estarem em nível secundário e só em 1880, em São Paulo, passaram a três anos; por apresentarem problemas quanto à programação (detalhavam desnecessariamente alguns aspectos e tratavam superficialmente de outros); por serem noturnos e, portanto, terem poucas aulas práticas; pela não garantia de profissionalização; e pelo mau preparo dos professores. A escola aberta em São Paulo, em 1846, fecha em 1867, reabre em 1876, vindo fechar novamente em 1877. Em 1880 reabre. Neste ano foi criada a primeira escola oficial no Rio de Janeiro.

A instrução secundária se caracterizou por ser predominantemente para alunos de sexo masculino, pela falta de organicidade (reunião espacial de antigas aulas régias), pelo predomínio literário, pela aplicação de métodos tradicionais e pela atuação da iniciativa privada. (...) o governo central omitiu-se na tarefa de reorganização dos níveis anteriores ao superior, já que a deixou sob a responsabilidade das províncias, acabou por ser o responsável, mesmo de forma indireta, pelas características negativas assinaladas acima (RIBEIRO, 2003, p. 57).

“A Constituição, reformada em 1834, vem reafirmar o facionamento do ensino e a dualidade de sistemas” (AZEVEDO, 1963). A lei desobriga a União de promover o ensino geral a toda nação e arrasta uma decadente educação aos níveis básicos. Fica da incumbência do Governo Central, o ensino superior profissional, às Províncias o ensino primário e o secundário. A mesma inoperância confirma-se nas Províncias que não consegue oferecer o ensino secundário, que acaba por ficar com a iniciativa particular.

Outras notícias sobre o ensino de primeiras letras da então vila de Itapeva da Faxina datam de 1840, onde o professor Borges do Canto declara a necessidade de recursos elementares para os meninos: utensílios de papel, pena, pedra e lápis. Como descreve Barbosa em seus manuscritos segundo a ata de reunião da Câmara:

O professor de primeiras letras desta vila leva ao conhecimento de V.Sas. que achando-se no atual exercício do ensino da mocidade e tendo em vista a necessidade que há de um pequeno socorro de utensílios de papel, pena,

pedra e lápis para os meninos pobres que não podem freqüentar a aula por esta falta. Muitos se acham aprendendo sem meios de poderem escrever: é a razão, senhores, por que com o mais profundo respeito represento a essa ilustre Câmara que, atendendo às razões ponderadas, levam ao conhecimento do Exmo. Presidente da província a fim de que os referidos alunos sejam socorridos, cuja atenção V.Sas., como protetores do bem público, hajam de unir ao meu pedido, e espero ser atendido. (Ibid, p. 154). Deus guarde a V. sas. Vila de Itapeva, 2 de maio de 1840.

Neste ofício aparece a preocupação em dar instrução a uma outra classe social: os meninos pobres. No dizer do professor, pedir material básico para os meninos necessitados freqüentarem as aulas, vem demonstrar que há crianças em idade escolar e que são impossibilitadas dessa freqüência devido à precária condição social. A escola é deficiente em utensílios, materiais pedagógicos e excludente do ponto de vista social. A inoperância do Governo provincial em suprir as necessidades básicas de funcionamento da escola era evidente, não conseguia oferecer o mínimo a todos os meninos aptos a freqüentá-la.

Desta maneira vai se compondo o quadro inicial da instrução pública escolar da Vila de Itapeva da Faxina e, aparece como de responsabilidade do poder político a Câmara de Vereadores, fazer as comunicações, as indicações, apontar as cadeiras vagas a serem ocupadas pelos professores, bem como os pedidos de recursos materiais aos presidentes da Província para o simples funcionamento da escola de primeiras letras. Sabe-se que estas funcionavam em casas particulares. Era uma escola de ler-escrever-contar – aulas de leitura, escrita e cálculo.

Neste período a produção cafeeira passa a ser a principal atividade econômica do Brasil. Enquanto as cidades da região do café se desenvolviam e apresentavam significativo crescimento econômico, Itapeva e região permaneciam em severas dificuldades, continuando com a prática da agricultura de subsistência.

No contexto político do Brasil Imperial, Dom Pedro II atinge a maioria e é proclamado o segundo Imperador. Lembra-nos Sodré (1988) “O Golpe da Maioridade, com o inequívoco sentido conservador de que se revestiu, corresponde ao momento em que a classe dominante, dos senhores de terras e de escravos, retoma plenamente o domínio político no Brasil (...)” Em Itapeva da faxina a Câmara, em sessão extraordinária de 21 de setembro de 1840, encaminha ao Presidente da Província, Rafael Tobias de Aguiar, um ofício declarando moção de apoio à proclamação:

A Câmara Municipal da vila de Itapeva da Faxina a que foi presente a portaria de V. Exa. em data de 18 de agosto do corrente ano, acompanhada da proclamação que E.Xa. se dignou fazer publica nessa cidade, por tão fausto acontecimento da elevação ao trono de nosso jovem monarca, o Senhor Dom Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. A mesma Câmara se congratula com V. Exa. que ela protesta obediência e respeito. Aproveitando esta ocasião para participar a V.Exa. que apenas chegando a Vila a tão agradável notícia, por cartas particulares, e não podendo se reunir a Câmara pelas distâncias em que moram alguns de seus membros, mas que achando-se o vice-presidente dela reunido com alguns cidadãos desta vila, e assim fizeram celebrar um Te Deum, iluminação em toda a vila por dois dias, que tiveram lugar 15 e 16 de agosto próximo passado, então reunido grande concurso de povo com respectivos vivas a S.M.I. e a seu novo ministério, bem como a V. Exa., e que haviam repetido hoje. Foi tão grande o regozijo e contentamento que a última noite dispersou-se o povo às 3 horas da madrugada, cujas provas a Câmara leva ao conhecimento de V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. Vila de Itapeva, em sessão extraordinária de 21 de setembro de 1840.

João Nepomuceno Loureiro
 Salvador loureiro de Almeida
 Alexandre José Ferreira
 Manuel Januário de Vasconcelos
 José Mateus de Lima

Percebe-se que a iniciativa de comemoração foi tomada independente do governo da Província. As Câmaras de pequenas Vilas ficavam mais ou menos em liberdade. Atitudes como essa, de festejos, era puramente uma atitude de localismo, pois a época, segundo Sodré (1988, p. 148), “não havia organizações partidárias estáveis, mas um jogo de prestígios individuais feitos em torno de poucas figuras”.

Nesse período tem-se a notícia da mudança do nome da Vila, da Itapeva de Faxina, ficando com a denominação de Faxina.

Em ata de reunião da Câmara, de 9 de outubro 1847, aparece o recebimento do pedido da professora D. Maria da Silveira Loureiro, que pleiteia à vaga da cadeira de primeiras letras da Vila. No ano seguinte, em ata de reunião de 11 de abril, a mesma professora pede à Câmara para lavrar edital marcando o dia que deverá iniciar as aulas. O registro de início das aulas da professora, não consta nas atas estudadas. Então, a partir desta data, 1848, foi instituída a educação para as meninas. É provável que D. Maria da Silveira foi a primeira professora da cadeira do sexo feminino de aulas de primeiras letras de Faxina.

Na sessão de 4 de junho de 1849 a Câmara lê uma portaria enviada do Presidente da Província sobre o edital de concurso para cadeiras de primeiras letras. Quanto ao local de funcionamento da escola, não é mencionado. Na verdade, não se encontrou nenhuma referência do local da escola. Têm-se notícias que funcionou

em casas particulares dos professores. Nota-se a precária educação de que se tinha. Isto vem demonstrar que para a educação do povo não havia verbas, tanto no que se refere ao espaço físico - o prédio da escola, material básico, professores com formação e a falta de um projeto político de educação escolar nacional. Nesse contexto, cresce o ensino de iniciativa privada por quase todas as províncias – aulas e liceus.

É pertinente perceber que, se a básica instrução, escolas de primeiras letras, já era por sinal, muito precária, muito mais seria difícil seria expandir os ensinamentos de níveis secundário e superior para o país. Havia um problema de ordem quantitativa e qualitativa. É notório que a União desincumbiu-se de oferecer à nação uma educação em níveis básicos. As escolas particulares aliviam o Governo desta obrigatoriedade e acaba por ser o maior patrocinador da exclusão educacional do país. Com o passar dos anos acentua-se o fosso no nível educacional da população, quase impossível de corrigir-se, que agrava e repercute nas dimensões socioeconômica, cultural e psicológica da nação.

É importante dizer que a instituição pública, de ensino secundário de excelente cultura básica – literário e retórico, foi o Colégio Pedro II, fundado em 1837, no Rio de Janeiro, que serviu para dar formação intelectual às elites dirigentes do país. Fica evidente como diz Azevedo (1963 p. 572):

Essa educação de tipo aristocrático, destinada antes à preparação de uma elite do que à educação do povo, desenvolveu-se no Império, seguindo, sem desvio sensível, as linhas de sua evolução, fortemente marcadas pelas tradições intelectuais do país, pelo regime de economia patriarcal e pelo ideal correspondente de homem e de cidadão.

Era assim, em todo o território, formava uma minoria de letrados e uma grande maioria de analfabetos, impingindo este paradigma para toda a população, que acaba por constituir uma herança cultural deficitária, arrastando-se pelos séculos vindouros.

É peculiar saber que nessa época, Faxina, tinha necessidades prementes, era grave a proliferação das formigas saúva. Se combater as formigas era uma condição de sobrevivência e não havia recursos para as coisas básicas, muito menos haveria para a educação, que retorno, se houvesse, somente ver-se-ia bem mais tarde. Na segunda metade do século XIX, a crise econômica aprofunda-se, apesar disso, a vida urbana aumenta.

No campo político, na segunda metade do século XIX, o Brasil é marcado por crises. O Império impõe uma força centralizadora que se estende para todas as Províncias. Com isso, intensifica a resistência política que acaba por levar à idéia da Federação, medida política que neutralizaria a força do Poder Central.

Enquanto isso em Faxina, conforme as leituras das atas de reunião da Câmara, em Sessão de 4 de maio de 1858, o expediente do dia foi a leitura de um ofício do Sr. Dr. Inspetor da Instrução Pública pedindo a Câmara informação sobre o número dos alunos que freqüentam as aulas de latim e francês. A resposta foi enviada com a informação que não havia em Faxina aulas de latim e francês. Pode-se perceber que o Governo quisesse tomar conhecimento para provável providência. No registro da ata de 20 de julho de 1861, Faxina passa à categoria de cidade, pela Lei Provincial nº. 13.

Assim, Faxina forma-se de maneira igual a tantas outras cidades da província, porém, com uma forte característica da necessidade de vencer o sertão e criar condições materiais de sobrevivência. Firma-se, juntamente com o Brasil, no modelo socioeconômico de base agrária. Em 1865, desenvolve-se na produção de algodão, que terá como consumidor o mercado externo, que acaba por impulsionar o faturamento das fazendas da região.

Consta em ata no dia 11 de fevereiro de 1862, que o professor de primeiras letras, Antônio Jacinto da Rocha apresenta-se à Câmara e traz o título de sua nomeação de professor interino de primeiras letras deste município.

Apresenta-se em sessão de 23 de dezembro de 1866, a “Petição de Dona Inácia Flora dos Santos, professora de primeiras letras desta cidade, pedindo atestado do dia em que foi publicada a elevação desta à categoria de cidade, a bem de seus direitos”.

As notícias de aulas de primeiras letras aparecem nos registros das atas, no entanto, nota que traz a criação de uma escola instituída, de fato, até essa época, não encontra-se. Consta da ata de reunião em 26 de dezembro de 1866, uma professora pedindo permissão para dar aulas - “abrir aulas de primeiras letras”.

Sessão de 26 de dezembro de 1866, “Foi lido um requerimento de D. Maria Eufrasina do Amaral de Melo, mulher do cidadão Antônio do Amaral Camargo, pedindo um atestado para dever ela requerer ao Inspetor da Instrução Pública da Província uma provisão para abrir sua aula de primeiras letras nesta cidade” (BARBOSA, 1988, P. 34).

Nota-se que nessa data já havia duas professoras, Dona Inácia flora dos Santos, provavelmente fosse a segunda professora a ocupar a cadeira do sexo feminino da escola de primeiras letras, já que o primeiro nome que apareceu de professora, foi o da D. Maria Silveira Loureiro que pleiteou a vaga no ano de 1847. Pelo que indica, a professora D. Maria Eufрасina do Amaral de Melo, iria ocupar a segunda cadeira do sexo feminino. Pede à Câmara que atestasse o seu pedido junto ao Inspetor da Instrução, permissão para ministrar aulas. Percebe-se que a partir desse período, segunda metade do século XIX, que as meninas de Faxina começam a receber a instrução básica, que é de se supor que a maioria era analfabeta. Mais de uma década de atraso em relação à educação oferecida aos meninos. Afinal, pensavam-se em relação à educação das mulheres, as meninas só precisam aprender os serviços domésticos para serem mães. Quanto ao nível de escolaridade dessas professoras não consta em registro, é possível que tivessem a formação básica, de instrução primária e um ano de secundário (5ª série), o que era exigido na época. Pode-se supor que e a Câmara fizesse a fiscalização dos professores.

Em outra pauta de sessão de Câmara, nota-se a presença de um novo nome feminino. É apresentada como a professora da segunda cadeira de instrução. Não se encontrou atas que dispensasse D. Maria Eufрасina do Amaral de Melo, é provável que ministrasse aulas até 1871, pois em sessão de 7 de janeiro, apresentava o seguinte registro: “Sessão de 7 de janeiro 1871, foi apresentada pela professora da segunda cadeira da secção feminina desta cidade, Dona Maria do Carmo Freire Gurgel, a sua carta pela qual se verifica sua nomeação, e esta Câmara mandou se registrasse no livro competente” (BARBOSA, 1988, p. 61).

Consta registrado numa ata de reunião, em que a Câmara recebe a solicitação de fechamento de tempo de serviço da professora Inácia Flora da Silva Pimenta, assim exposto:

Sessão de 11 de janeiro 1871. A professora solicita atestado de exercício e de número de alunos que freqüentaram suas aulas. Solicita ainda um atestado de tempo de serviço, pois trabalha como professora de primeiras letras a 22 anos, dos quais 13 anos em Itapeva, a fim de tratar de sua aposentadoria, por enfermidade (BARBOSA, 1988, P. 63).

Pelos registros da Câmara, constata-se que a professora Inácia Flora da Silva Pimenta, iniciou as aulas em 1858, portanto, foi a segunda professora da cadeira do

sexo feminino de Faxina, que levou a constituir duas salas de ensino de primeiras letras para meninas.

Lê-se outro registro de ata, do dia 8 de outubro de 1874, onde está escrito um apelo de um vereador, que faz à Câmara, pedindo para que esta solicite junto ao Governo, providências para contratar uma professora para ocupar a cadeira do sexo feminino de Faxina. Assim apresenta-se:

Sessão de 8 de outubro de 1874, “Foi pelo vereador Barros indicado que esta Câmara represente ao Governo a grande necessidade que há nesta cidade de uma professora para preencher a Segunda cadeira que era ocupada por Dona Inácia Flora Pimenta, que se acha residindo hoje em Campinas, visto que a única professora que aqui existe não pode dar vazão no grande número de meninas que tinham necessidade de aprender”. Parecer: que imediatamente se representasse ao Governo (BARBOSA, 1988, p. 108).

Nessa época, havia duas salas de ensino de primeiras letras para meninas e que, já estavam em número considerável.

Tabela 1 – Educação em Faxina no século XIX – cadeira do sexo masculino

| Ano | Tipo de Escola | Professor | Disciplina |
|------|----------------|-----------------------------|------------------|
| 1833 | Pública | Elias de Oliveira Lima | Primeiras letras |
| 1839 | Publica | Manuel Mendes Ferraz | Primeiras letras |
| 1840 | Publica | Francisco Borges do Canto | Primeiras Letras |
| 1862 | Publica | Antonio Jacinto da Rocha | Primeiras Letras |
| 1880 | Publica | João Carlos de Toledo Ribas | Primeiras Letras |

Fonte: Atas das reuniões da Câmara

Tabela 2 - Educação em Faxina no século XIX - cadeira do sexo feminino

| Ano | Tipo de escola | Professora | Disciplina |
|------------|----------------|---|------------------|
| 1848 | Pública | D. M ^a da Silveira Loureiro | Primeiras letras |
| 1858- 1871 | Publica | D. Inácia Flora Pimenta | Primeiras letras |
| 1866-1871 | Publica | D. M ^a Eufrasina do Amaral de Melo | Primeiras letras |
| 1871 | Publica | D. M ^a do Carmo Freire Gurgel | Primeiras letras |

Fonte: Atas das reuniões da Câmara

A cidade, nesse período, possuía 10.029 pessoas. Pelo recenseamento eram assim classificados:

Tabela 3 - Recenseamento de 1874

| | |
|------------------------|--------|
| Homens | 5.033 |
| Mulheres | 4.996 |
| Solteiros | 6.781 |
| Viúvos | 414 |
| Adultos | 3.995 |
| Menores | 6.034 |
| Branços | 5.815 |
| Pardos | 3.328 |
| Pretos | 886 |
| Casados | 2.834 |
| Sabendo ler e escrever | 936 |
| Analfabetos | 9.093 |
| Livres | 9.183 |
| Cativos | 846 |
| Católicos | 10.027 |
| Acatólicos | 2 |

Fonte: BARBOSA (1988, P. 39)

Portanto, para entender o início da formação educativa em Itapeva fez-se uma retrospectiva histórica a começar pelos registros das atas da Câmara entre os anos 1830 e 1880, quando, após esta data, começam aparecer as primeiras manifestações para a criação de uma escola. A tabela 1 demonstra que, somente a partir da terceira década do século XIX, Faxina começa a receber a instrução básica – ler, escrever e calcular – escola de Primeiras Letras, que funcionava em salas espalhadas pelas casas de professores. Observa-se, também, que até esta data as meninas estavam excluídas do ensino, o privilégio da instrução foi dada aos meninos primeiramente. Ainda, na tabela 1, verifica-se que a segunda cadeira de Primeiras letras acontece após 5 anos da primeira. Faxina leva quase cinquenta anos, de 1833 a 1880, para formar três salas de Primeiras Letras para meninos que,

provavelmente, seriam pouco mais de cem alunos no total.

O quadro da tabela 2, da cadeira do sexo feminino, demonstra que as meninas tiveram um atraso de quinze anos em relação ao ensino oferecido aos meninos. Somente em 1848 é formada a sala da primeira cadeira de Primeiras Letras para o sexo feminino. Este fato deve-se aos costumes da época, em que a mulher deveria aprender as lidas domésticas e não precisava aprender a ler e escrever. Percebe-se também que o intervalo de tempo entre criação de outras cadeiras, como a segunda ou a terceira, é mais longo, caracterizando um desinteresse em dar instrução às meninas. Segundo Souza (2003, p. 67)

Dado o grau de subordinação da mulher no período, a maioria dessa faixa da população era analfabeta. Uma pequena parte era tradicionalmente preparada na família pelos pais e preceptores, limitando-se, entretanto, às primeiras letras e ao aprendizado das prendas domésticas e de boas maneiras.

Pelo quadro de recenseamento da percebe-se que menos de 10% da população sabia ler e escrever, a grande maioria era analfabeta. É provável que este número de analfabetos não inclui as crianças. Mas se considerar que as crianças entraram no cômputo da categoria de menores observa-se que é um grande contingente de analfabetos para a cidade. Mais ainda, existiam somente duas cadeiras do sexo masculino e do sexo feminino e que pode-se inferir, não eram muitos alunos com idade escolar e muito menos em condições materiais para freqüentar à escola.

Passados seis anos do recenseamento, em sessão de 20 de março de 1880, foi apresentada a carta de nomeação para ser registrada de João Carlos de Toledo Ribas, professor público de primeiras letras, da terceira cadeira do sexo masculino da cidade. A partir desta informação, constata-se que havia três salas de ensino de primeiras letras para o sexo masculino. Depois de sete anos, em 1887 o mesmo professor pede a Câmara atestado de tempo oficial de serviço.

Nesse período Faxina ganha uma via férrea, a iluminação pública a querosene e o Gabinete de Leitura - uma instituição educacional importante para Faxina. Com o Gabinete de Leitura ampliou-se a oferta de ensino para um alunado de adultos analfabetos, que funcionava à noite, somados 44 alunos e dirigido pelos professores João Carlos de Toledo Ribas, João Strasburg e Álvaro Strasburg.

Em 1886, existia em Faxina salas de escola pública de primeiras letras para o

sexo masculino e outra para o sexo feminino, que funcionava nas casas dos professores. Segundo Souza (1998), “No final do século XIX e início do XX, a educação popular encontrava-se difundida em nível mundial e seguia os moldes da escola graduada, baseada na classificação homogênea dos alunos, na existência de várias salas de aula e vários professores”.

Em 13 de outubro de 1887, Câmara realiza a eleição dos membros do Conselho Municipal de Instrução Pública composto pelos nomes: Doutor Antônio Augusto Nogueira da Gama Júnior, obteve três votos; o Vigário João José Lopes Rodrigues, obteve três votos. Duas cédulas estavam em branco. Consta-se que sete vereadores estavam presentes, conclui-se, portanto, que os dois votados passaram a formar o Conselho Municipal de Instrução Pública da cidade.

No registro da pauta de reunião, leu-se o ofício de 5 de outubro 1888 do presidente da Província, de 28 de setembro, que comunica que compete aos presidentes das Câmaras Municipais ou a quem suas vezes fizer a faculdade de atestar o exercício dos professores públicos, na falta do respectivo Conselho Municipal. Notoriamente percebe-se que não havia um sistema organizado de ensino na Província, eram delegadas às Câmaras as responsabilidades básicas em viabilizar o funcionamento das escolas.

Nessa época estima-se que em Faxina havia aproximadamente 26.000 habitantes, pois no censo realizado em 1889 eram de 16.353 habitantes.

Por ingerência do Estado, anuncia-se o final do Império, confirmando a segregação de classes: de um lado uma massa popular analfabeta e uma outra eletizada, formada por uns poucos instruídos.

2 O GRUPO ESCOLAR DE FAXINA - 1900 a 1918

Neste capítulo faz-se um estudo para entender o princípio da criação e instalação do Grupo Escolar de Faxina de 1900 até 1918, quando recebe a nova denominação de Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade, bem como procurar desvendar as principais características de organização institucional no contexto da educação do Brasil e do Estado de São Paulo no período estudado.

Neste primeiro momento, além das informações trazidas pelas atas de reuniões da Câmara, transcritas pelo professor Barbosa, o presente exposto passa a investigar os jornais da época, pois sabe-se que a imprensa é fonte importante e necessária para auxiliar a compreensão do período estudado. Toma-se como fonte para a pesquisa o jornal semanário, “O Sul de São Paulo”, único da cidade. Para a análise da escola instituída utiliza-se de fontes primárias – documentos, acervo da escola, fotografias e outras.

2.1 Origem e instalação

Iniciou-se a busca de notícias nos jornais da época, cujo acervo pertence ao Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapeva. Encontrou-se partes de edições do jornal “O Sul de São Paulo”, datadas a partir de maio de 1889, cujo redator era senhor Augusto Piedade.

É interessante citar que uma das primeiras matérias encontradas sobre educação nessa época, no jornal “O Sul de São Paulo”, é um editorial de primeira página que registrava a indignação contra governo da Província, sobre um ato de anulação de concurso para provimento de cargo de professores para as cadeiras de instrução primária, que teria causado prejuízos à educação de Faxina. Parte do artigo diz o seguinte:

O honrado presidente da província, decretando a nullidade do concurso realizado em Setembro e **deixando, por isso, de prover as cadeiras vagas de instrução primária que possuímos**, (gifo nosso) não tem justificativa acceitavel para o seu acto. S. exc. ferio direitos adquiridos pelos candidatos legalmente approvados e privando-os do exercicio do magistério... [...]. (O SUL DE SÃO PAULO, 23/05/1889, p. 1).

É interessante a ousadia do jornal de uma pequena cidade, ao manifestar-se criticamente quanto às atitudes tomadas pelo governo. Julga-se que o governo da União, como não tinha um sistema educacional definido no âmbito nacional e muito menos no estadual, deliberava como bem quisesse. Permite-se inferir que poderia haver interesses pessoais quanto às vigências legais serem tão flexíveis. O baixo grau de exigência permitia, com facilidade, ou até mesmo incentivava o clientelismo político.

Nota-se também que o governo, por meio de modificações na lei, ao exigir dos professores a formação de normalistas, estivesse preocupado com a formação docente e com a qualidade da educação primária pública. Esta suposta intenção, entretanto, é, no mínimo, duvidosa, pois, nessa época, o setor de educação apresentava todo tipo de dificuldades, tanto no nível da instrução primária quanto no da formação de professores. Havia uma crescente necessidade de professores e a quantidade desses profissionais era insuficiente. No fim do século XIX, existiam apenas quatro escolas complementares – que complementavam o curso preliminar. Uma anexa à Escola Normal da Capital (1894); a de Piracicaba (1895); a de Itapetininga (1897) e uma outra na Capital (1897). Portanto, os problemas permaneceriam os mesmos por muito tempo e de maneira geral por todo o Estado.

No contexto local, a educação aparecia com significativa regularidade na imprensa, denotando a importância do assunto, posto que, essa mesma edição traz um artigo do professor Ribas, que faz um apelo aos pais, para que mandassem os filhos à escola, como consta:

Instrução pública

Quando examinamos o movimento das escolas d'esta cidade, sentimos um justo pesar, ao vermos que dos alumnos matriculados apenas um terço freqüenta regularmente as aulas.

Esta falta de assiduidade tem sua origem no indifferentismo com que muitos chefes de família encaram a educação de seus filhos. Os favorecidos da fortuna tratam apenas de accumular cabedaes para os futuros herdeiros: porem encaram tudo pelo lado material, esquecendo-se justamente d'aquelle cabedal perene e fecundo, que torna os legatários dignos da admiração e respeito de seus irmãos sociaes: - a educação.

A classe menos favorecida, tendo nos abastados um espelho, os secundam na parte que lhes é commoda, deixando seus filhos crescerem na ignorância, acoroçoando apenas o sentimento da cobiça do ouro e poderio. (...).

Agora que nossa cidade despertada do profundo lethargo em que jazia, encara o futuro por um prisma animador e marcha a passos avantajados na senda do progresso, não devemos esquecer esse poderoso factor do engrandecimento dos povos – a educação da juventude – Diz Dupanloup: “Eduque-se o individuo, e a sociedade estará salva, os interesses mais vitaes estarão solidamente garantidos”.

Hoje que felizmente, temos um collegio, dirigido por professores de reconhecida capacidade; um gabinete de leitura bem organizado; um jornal que por sua imparcialidade póde profligar o erro sem paixão, e aplaudir o bem sem bajular, não devemos descurar da educação da mocidade; porque sobre ser um crime de lesa-sociedade, seria neutralizar completamente o concurso de factores tão importantes de nosso progresso. [...] Ribas. (O SUL DE SÃO PAULO, 23/05/1889, p. 2).

Percebe-se no artigo acima que o poder político era o grande promotor da educação popular. Existia uma minoria letrada e o interesse por educação era limitado por parte da sociedade. Havia a consciência da importância da instrução, porém eram poucas as crianças que podiam freqüentar a escola. Às vezes, os poucos alunos que podiam ir às aulas, não o faziam com assiduidade, dando a medida de que a educação no Brasil, nessa época, era bastante incipiente.

Lê-se no jornal do dia 21 de julho de 1889, a informação de que havia em Faxina, nesse período, 16.353 habitantes.

É interessante ressaltar que, nessa época, encontrou-se publicado no jornal “O Sul de São Paulo”, uma propaganda de um colégio particular em Faxina. Era uma escola preparatória particular, denominada Colégio Faxinense, que preparava o aluno para o ingresso nos curso de nível superior de responsabilidade do Governo Imperial.

Nesse pequeno anúncio, o Colégio Faxinense faz menção ao ensino preparatório para os interessados cursarem o ensino superior. No Brasil, a faculdade de direito era a mais procurada. Esse interesse se confirma pela herança criada pelo governo Imperial. Como diz Azevedo (1963, p. 579)

“Todo o esforço e todo o favor do poder imperial aplicaram-se naturalmente ao desenvolvimento do ensino superior, não só porque o Ato Adicional deslocara para as províncias o ensino primário e secundário, senão também pela enorme importância que assumiram as escolas das profissões liberais no sistema de educação”.

Com essa notícia constata-se que, em Faxina, anterior à criação de um grupo escolar, concomitante com as salas de instrução pública, escola de primeiras letras, havia a existência de uma escola particular. A escola oferecia instrução primária, secundária e comercial em sistema de internato e externato. Isso vem confirmar que, pela presença pouco significativa do governo no setor da educação, grande parte da demanda educacional brasileira, há décadas, vinha sendo suprida pela iniciativa privada. Era uma escola que se destinava claramente a satisfazer as

aspirações de ascensão da pequena elite local. Pode-se inferir que, primeiro, mesmo em uma pequena e pobre cidade, existia uma demanda para essas modalidades de ensino. Segundo, que a iniciativa era privada, o que vem confirmar a omissão dos governos, da União e da Província, em comprometer-se com a continuidade de ensino à população.

Nota-se que a educação era privilégio de poucos, para aqueles que tinham condições econômicas mais abastadas. À população era destinada a instrução pública elementar, oferecida por obrigação, pelo governo da província; era-lhe reservada a educação que, até então, a cidade, por meio do esforço da elite política - em prol dela mesma - conseguira conquistar. Desse modo, mantinham-se, no Brasil, extremamente acentuados os desníveis culturais entre as elites e o resto da população. Como não havia um plano geral de educação para todo o território nacional, a educação apresentava-se em diferentes estágios nas diversas cidades do país.

Nessa sociedade, de economia baseada no latifúndio e na escravidão, e à qual, por isso, não interessava a educação popular, era para os ginásios e as escolas superiores, que afluíam os rapazes do tempo com possibilidades de fazer os estudos. As atividades públicas, administrativas e políticas, postas em grande realce pela vida da cômte e pelo regime parlamentar, e os títulos concedidos pelo Imperador contribuía ainda mais para valorizar o letrado, o bacharel e o doutor, constituindo, com as profissões liberais, o principal consumidor das elites intelectuais forjadas nas escolas superiores do país.

Esse contraste entre a quase ausência da educação popular e o desenvolvimento de formação de elites, tinha forçosamente estabelecido como estabeleceu uma enorme desigualdade entre a cultura da classe dirigente, de nível extremamente baixo, e a da classe dirigente, elevando sobre uma grande massa de analfabetos, - "a nebulosa humana despreendida do colonato" -, uma pequena elite em que figuravam homens de cultura requintada e que, segundo ainda, em 1890, observava *Max Leclerc*, não destoaria entre as elites das mais cultas sociedades européias (AZEVEDO, 1963, p. 573 - 574).

Nesse período, no fim da penúltima década do século XIX, no contexto político, o Brasil, toma um novo rumo, é proclamada a República (15 de Novembro de 1889) e é instalado um governo provisório. A edição de 21 de novembro, do jornal "O Sul de São Paulo", da cidade de Faxina, traz um artigo que faz menção ao acontecimento político e cita matérias publicadas nos jornais da capital da província, no "Diário Popular" e na "Gazeta do Povo de S. Paulo" que, em edição do dia 16 de novembro, publica as seguintes notícias a cerca da deposição do governo monárquico e da Proclamação da República:

Para melhor orientar aos nossos leitores acerca deste melindrosissimo assumpto, transcrevemos os telegramas e as noticias dadas por aquelles orgams da democracia.

Eil-as:

“Hontem (15) na cidade, receberam-se noticias, de que gravíssimos acontecimentos se passavam na corte. São Paulo agitou-se immediatamente e grande enthusiasmo reinou nas ruas. (...)”.

Do nosso redator-chefe recebemos o seguinte telegrama:

RIO, 15, às 5 hs e 25 ms.

Está proclamada a Republica. Um abraço aos companheiros. Neste momento estão reunidos no largo do Paço, o Exercito e a Marinha. Quintino Bocaiúva a frente do movimento ao lado o general Deodoro. VIVA A REPUBLICA! (O SUL DE SÃO PAULO, 21/11/1889, p. 2).

Nas poucas edições do jornal encontradas dessa época, mais precisamente do mês de novembro de 1889, aparecem várias citações sobre a proclamação da República. É interessante observar que na edição do dia 28 é citada, na primeira página, uma nota de apoio dos políticos locais que, mesmo com pouca expressão política, manifestam-se orgulhosamente adeptos do novo regime republicano. O jornal descreve a seguinte nota: No dia 24 às 4 horas da tarde,

“encorporados, os vereadores e o povo se dirigiram à sala da Câmara Municipal, onde achava-se hasteada a bandeira republicana. Ahi, aberta a sessão e lido o officio circular do governo do Estado em que comunicava a posse e exercício, declararam os vereadores por unanimidade que adheriam franca e lealmente a nova forma de governo do paíz e promettiam à ella prestar completa adhesão...Lavrada e assignada a acta circunstanciada da sessão, a banda musical presente executou a *Marcelhesa* depois de novos e calorosos vivas.” (O SUL DE SÃO PAULO, 28/11/1889, n.33 Anno I).

Como descreve Costa (1999, p. 25), “a base da estrutura do poder, em nível local, foi o *coronelismo* - grandes latifundiários que influenciavam e controlavam pessoas, especialmente no período eleitoral, cujo sistema baseava-se no voto aberto (voto de cabresto)”.

Com a proclamação da República, parecia haver um sentimento, por parte da população, de que mudanças significativas aconteceriam no campo educacional do país, o que não ocorre. Segundo Costa (1999, p. 25)

“A República não tinha o propósito de romper com as estruturas exploradoras que sacrificavam a população brasileira. A riqueza nacional continuou concentrada em algumas poucas mãos, enquanto predominava na economia um sistema de monocultura, com a produção voltada à satisfação do mercado externo”.

A nova ordem não proporciona um sistema geral de educação ao povo, antes

mantém o mesmo marasmo e descompromisso da elite imperial.

Em vez de arredar os obstáculos à organização de um sistema geral, a República não fez mais que agravá-los repartindo entre a União e os Estados as atribuições na esfera da educação e renunciando explicitamente ao dever que lhe indicavam as instituições democráticas de dar impulso e traçar diretrizes à política de educação nacional. Com a descentralização imposta pela vitória das idéias federalistas; com a desorganização econômica resultante da abolição do elemento servil, e com as lutas que se seguiram para a consolidação do novo regime, transferiram ao primeiro plano as questões essenciais de ordem política e financeira, a educação e a cultura, que só se expandiram nas mais importantes regiões econômicas do país, como São Paulo, puderam seguir, sem transformações profundas, as linhas de seu desenvolvimento tradicional, predeterminadas na vida colonial e no regime do Império.

Na Constituição republicana de 24 de fevereiro de 1891 ficaram repartidas da seguinte forma as atribuições do governo da União e dos governos estaduais: a) à União competia privativamente legislar sobre o ensino superior na capital da República, cabendo-lhe, mas não privativamente, criar instituições de ensino secundário e superior nos Estados e prover à instrução do Distrito Federal; b) aos Estados se permitia organizar os seus sistemas escolares completos; c) no Distrito Federal, pertencia o ensino superior à alçada do governo do país, a que facultava, mas não se impunha prover à instrução nos graus primário e médio. (...) (AZEVEDO, 1963, p. 611).

No âmbito local, com o novo regime, observa-se uma expectativa crescente de que mudanças significativas iriam acontecer. Por isso tornam-se constantes os apelos ao governo para que se providenciasse a construção de um edifício próprio para o funcionamento de uma escola na cidade, afinal a expansão da escolaridade pública foi o principal mote da campanha republicana.

A criação dos grupos escolares surge, portanto no interior do projeto político republicano de reforma social e de difusão da educação popular – uma entre as várias medidas de reforma da instrução pública no Estado de São Paulo implementadas a partir de 1890. A implantação dessa nova modalidade escolar teve implicações profundas na educação pública do Estado e na história do país. Introduziu uma série de modificações e inovações no ensino primário, ajudou a produzir uma nova cultura escolar, repercutiu na cultura da sociedade mais ampla e encarnou vários sentidos simbólicos da educação no meio urbano, entre eles a consagração da República. Ainda, generalizou no âmbito do ensino público muitas práticas escolares em uso nas escolas particulares e circunscritas a um grupo social restrito – as elites intelectuais, políticas e econômicas (SOUZA, 1998, p. 30).

Nesse período, em sessão de 3 de novembro de 1896, a Câmara registra em ata uma indicação, pedindo junto ao governo do Estado a criação da quarta cadeira do sexo masculino nos bairros de Faxina:

Foi indicado que a Câmara representasse ao Congresso Estadual a fim de ser criada a quarta cadeira do sexo masculino nesta cidade; uma para o mesmo sexo em cada um dos seguintes bairros: Taquarivaí, Lagoa Grande, Faxinal, Itambé, Fria, Taquari-gauçu e Guarizinho; uma ambulante nos bairros de Cima e Taquari, e uma para o sexo feminino no Porto do Apiaí. (BARBOSA, 1988, p. 84)

A notícia que se tem é que a indicação para a criação das salas nos bairros de Faxina foi aprovada.

Um ano depois, em 1897, a Câmara envia um ofício ao Secretário do Interior do Estado de São Paulo que solicita a criação de um grupo escolar para Faxina. Segundo Souza (1998, p. 46), “a criação dos grupos escolares: Lei n.169, de 7.8. 1893, e Decreto n. 248, de 26. 7. 1894”. (Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo).

A criação das escolas centrais é colocada como uma questão simples e decorrente do processo de reforma, bastando reunir em só prédio as escolas já existentes em uma localidade. Dessa forma, foram criados os grupos escolares, por via de um artifício legal segundo o qual, havendo mais de uma escola no raio de obrigatoriedade escolar, o governo poderia autorizá-las a funcionar em só prédio. A denominação “grupo escolar” foi preferida a “escolas centrais”, ratificando o sentido mesmo de reunião de escolas, e aparece um ano depois no regulamento, nos lugares em que, em virtude de densidade da população, houvesse mais de uma escola no raio fixado para a obrigatoriedade escolar, o Conselho Superior poderia fazê-las funcionar em um só prédio para esse fim construído ou adaptado. Tais escolas teriam a designação de Grupo Escolar com a sua respectiva designação numérica em cada localidade. Poderiam também receber denominações especiais em homenagem aos cidadãos que concorressem com donativos para a reunião de escolas. Dessa forma, o governo estimulava a contribuição dos particulares em troca da homenagem pública (SOUZA, 1998, p. 46, 47).

Diante da possibilidade legal de centralizar num só prédio as escolas já existentes, a Câmara despacha ofício mostrando a necessidade de um grupo escolar para a cidade e menciona que oferecia um prédio para isso. A primeira manifestação de solicitar a criação de um grupo escolar aparece em reunião da Câmara em 1º setembro de 1897, que assim Barbosa (1988) descreve: “A Câmara resolveu oficiar ao Dr. Secretário do Interior do Estado de São Paulo mostrando a necessidade de um grupo escolar aqui, para o que oferecia um prédio para isso destinado.” Para melhor entender sobre a educação do Estado naquela época, Souza (1998, p. 31), esclarece que:

A primeira reforma de instrução pública realizada no Estado de São Paulo, no período republicano, instituiu, em 1892, o curso primário compreendendo dois cursos: o preliminar e o complementar. Posteriormente, com a descaracterização das escolas complementares como escolas de 2º grau do ensino primário, este ficou reduzido ao curso preliminar.

2.2 É criado o Grupo Escolar de Faxina

Em 1898, a Câmara Municipal republicana oferece ao governo do Estado um prédio para funcionar as escolas reunidas de Faxina. A partir de então, com os grupos escolares, surge uma nova organização educacional: a antiga escola de primeiras letras do Brasil Imperial – que funcionava em salas dispersas e isoladas, são, a partir de então, reunidas em um único prédio com várias classes e vários professores. Os alunos eram distribuídos em classes separadas por sexo e segundo o adiantamento (série) e cada classe era regida por um professor. Surge aí o embrião da escola moderna, nos moldes da escola americana, condizente com o novo regime político inaugurado pela República. Como diz Souza (1998) “é a escola da República e para a República”.

No início de 1899 encontrou-se registrado em ata uma moção de agradecimento a aqueles que lutaram pela criação do Grupo Escolar. Consta a seguinte nota:

Pelo Presidente foi proposto que se lançasse nesta ata um voto de louvor aos cidadãos Major Rodolfo Casemiro da Rocha e Dr Francisco Marcondes de Resende, ao primeiro pelos esforços que tem empregado no intuito de ser criado o Grupo Escolar nesta cidade, desempenhado perante o governo as comissões que lhe têm sido confiadas por esta Câmara; e ao segundo por ofertar vinte carteiras para o mesmo Grupo, dando o exemplo do interesse que todos os munícipes devem tomar a fim de que se torne efetiva a criação de tão útil instituição (BARBOSA, 1982, P. 88).

O Jornal “O Sul de São Paulo”, em edição de 14 de janeiro de 1900, noticia que os jornais da capital do Estado estampam a importante notícia sobre a criação de um grupo escolar para a Faxina. Menciona que a população está satisfeitiíssima com o passo dado pelo Exmo.sr. Coronel Fernando Prestes.

O primeiro grupo escolar de Faxina foi criado por decreto do Presidente do Estado em 13 de janeiro de 1900. Sua inauguração ocorreu somente em setembro do mesmo ano. O apontamento histórico sobre a criação do Grupo Escolar de

Faxina pode ser observado no documento de inauguração, que até hoje se encontra conservado sob os cuidados da direção da atual escola. Assim expõe o referido texto:

Apontamento histórico sobre a criação do Grupo Escolar da Faxina

Em data de 13 de Janeiro de 1900, por decreto do Presidente do Estado Exm^o Sr Coronel Fernando Prestes de Albuquerque referendado pelo Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Dr José Pereira de Queiroz, foi creado o Grupo Escolar da cidade de Faxina.

Por decreto da mesma data fui eu designado, na qualidade de Inspetor Escolar para organizar e dirigir o dito Grupo, sendo nomeado adjuntos do mesmo os professores: Salvador Pereira Barros, Luis José Dias, João Carlos de Toledo Ribas, José Feliciano da Rocha, D. Leonor Soares da Silva e D. Maria do Carmo Freire Gurgel, os quais regiam escolas públicas nesta cidade.

Para funcionamento do Grupo a Camara Municipal desta cidade adquiriu por compra feita ao Coronel Crêscencio Ferreira de Mello, um prédio na rua S. Antonio pela importância de dose contos e quinhentos mil reis. Foram as obras de adaptação orçadas por mim em desoito contos. Por pedido da mesma Camara concorreu o governo com a metade destas despesas na importância de nove contos de reis. Em quanto não se concluíam tais obras a Camara alugou uma casa na mesma rua S. Antonio, na qual installou-se provisoriamente o Grupo a 5 de março do mesmo anno de 1900. Tomaram da posse todos os professores, a excepção de D. Maria do Carmo Freire Gurgel que se achava em goso de licença. Na mesma data foi contratado para servente o cidadão Francisco Correia da Silveira. Foi o Grupo installado com 156 alumnos de ambos o sexo. No dia 8 do mesmo mês deixou o exercício o adjunto Salvador de Barros que pediu exoneração do cargo. Para substituto foi nomeado no dia... do mesmo mês de março o professor João Carlos Strausburgo habilitado pela Escola Complementar de Itapetininga.

Caso a matricula aumentasse propus a criação de dois lugares de adjuntos para a secção feminina, para as quais foram nomeadas as professoras D. Áurea Cândida Soares e D. Emydia Soares, habilitadas pela mesma Escola e por dec. de... do mesmo mês ultima professora foi nomeada interinamente até alcançar maior idade. O professor Strasburgo entrou em exercício a 6 de abril e as duas outras professoras a 10 do mesmo mês e anno de 1900. Por dec. de... abril foi nomeado porteiro do grupo o cidadão Francisco Correa da Silveira. Por não ter tomado posse o cidadão Teophilo David Müsel anteriormente nomeado.

(...).

O grupo recebeu movéis e objetos escolares. Uns remetidos directamente pelo Governo, conforme consta dos competentes livros de registro.

Em 5 de setembro installou-se o Grupo no prédio adquirido pela Câmara.

Ao meio dia os alumnos do Grupo aproximadamente em n^o de 280, acompanhado por seus professores e director, levando cada classe ou seguidos pela banda de musica desta cidade e pela da villa de Lavrinhas. Saíram do prédio onde funcionava provisoriamente o Grupo, e depois de percorrerem as principais ruas da cidade deram entrada no edificio novo, cuja entrega foi solenemente feita pelo Presidente da Câmara, cidadão T.Cel. Antonio Alves Pereira de Queiros ao organisador do Grupo tendo este aceitado em nome do governo do Estado, e em seguida conduzindo os alumnos às respectivas casas.

Dia 6 teve lugar um sarau litterario no salão nobre do Grupo, dirigido pelo director do Grupo no qual exhibiram-se os alumnos com contos, comedias de assuntos escolares, poesias patrióticas, gymnastica e evoluções militares,

com agrado dos assinantes entre os grandes se encontravam diversas pessoas de outras localidades que vieram assistir a essa festa. Em data de 18 de Agosto de 1900 havia sido nomeado director efectivo do grupo o professor Salvador Pereira de Barros.

Como ate 30 de setembro não houvesse tomado posse do cargo o dito professor, foi por ordem do secretario do interior entregue a direcção do Grupo ao professor adjunto mais antigo, cidadão João Carlos de Toledo Ribas, retirando-se o Inspector escolar Emilio Mario Arantes, que estas linhas escreve em Faxina, 1º de outubro de 1900.

Emilio Mario Arantes

Inspetor escolar e director em comissão do grupo escolar de Faxina.

O apontamento histórico da ata de implantação do Grupo Escolar de Faxina menciona que a Câmara, juntamente com o auxílio do governo do Estado, adquiriu um prédio na Rua Santo Antonio, que foi submetido a reformas para adaptá-lo. Enquanto o grupo não ficava pronto, a Câmara alugou uma casa, provisoriamente, em frente ao futuro prédio. As classes foram reunidas no imóvel alugado e o Grupo Escolar de Faxina foi instalado em 5 de março de 1900 sob as diretrizes gerais da instrução pública do Estado de São Paulo.

Teve início assim, a nova organização administrativo-pedagógica da recém criada instituição escolar, o Grupo Escolar de Faxina, que desde janeiro já se compunha de 156 alunos de ambos os sexos. A tabela abaixo demonstra alguns dados sobre como estava organizado o grupo escolar.

Número de alunos e alunas matriculados no Grupo escolar da Faxina em 1900

| | | | | Eliminados | |
|---------------|-----|-----|--------------------|------------|------|
| | | | | Masc. | Fem. |
| Janeiro/ 1900 | - | - | 156 ambos os sexos | | |
| Junho/ 1900 | 153 | 172 | 325 | 9 | 28 |
| Agosto/ 1900 | 144 | 144 | 288 | | |

Fonte: Apontamento histórico sobre a criação do Grupo Escolar da Faxina – Acervo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade.

Distribuição dos alunos nas classes (1900).

| Secção | Ano | Regência |
|-----------|------|---|
| Masculina | 1º A | Profº Adjunto Jose Feliciano da Rocha |
| Masculina | 1º B | Profº Adjunto João Carlos de Toledo Ribas |
| Masculina | 2º | Profº Adjunto João Carlos Strasburgo |
| Masculina | 3º | Profº Adjunto Luis Jose Dias |

Fonte: Livro Ponto. Acervo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade.

Distribuição das alunas nas classes (1900).

| Secção | Ano | Regência |
|----------|------|--|
| Feminina | 1º A | Professora Adjunta D. Maria do Carmo F. Gurgel |
| Feminina | 1º B | Professora Adjunta D. Áurea C. Soares |
| Feminina | 2º | Professora Adjunta D. Emydia Soares |
| Feminina | 3º | Professora Adjunta D. Leonor Soares da Silva |

Fonte: Livro Ponto. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Percebe-se que a forma como foi organizado o grupo, vem confirmar as regras da instrução pública criada pelo Estado. O Grupo foi formado com 4 classes, para cada sexo, correspondentes ao 1º, 2º, 3º anos do curso preliminar, ambos os sexos estavam no mesmo prédio, porém em completa separação. Havia considerável número de alunos, o que comprova que a maioria dos professores pertencia à categoria de professores adjuntos.

Em sessão de Câmara de 1º de setembro do mesmo ano, o vereador Arlindo de Castro indica um voto de louvor à pessoa do diretor Emílio Mario Arantes pelo comando das obras de reforma do prédio do Grupo. O professor Emílio Mário Arantes, ex-Inspetor Geral do Ensino Primário do Estado. Assim registrado:

Tendo o professor Emilio Mario Arantes, atual diretor do Grupo Escolar desta cidade, com verdadeiro tino e direção, dirigido aos trabalhos da adaptação do prédio destinado ao Grupo Escolar, cujo prédio será entregue no dia 5 do corrente para definitiva instalação, que até aqui funcionara provisoriamente em prédio impróprio, e considerando que este ato do

distinto Professor Arantes é digno de aplausos e reconhecimento por parte da Câmara e do povo que representamos, considerando que a sua direção no Grupo o tem colocado na melhor ordem possível, com cuja direção muito tem lucrado a mocidade necessitada de instrução, como já se tem notado pelo adiantamento, no limitado tempo em que funciona o Grupo sob sua direção, indico para que se lance nesta ata um voto de louvor ao Professor Emílio Mário Arantes...(BARBOSA, 1982, p. 90).

Para que se tenha noção da importância desta conquista para a cidade, é necessário apresentar como foram noticiados os festejos de inauguração do Grupo naquele momento. “O Sul de São Paulo” publica nas páginas do jornal os dias que acontecerão os festejos de inauguração do Grupo.

“INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO DO GRUPO ESCOLAR”

Programa dos Festejos

Entrada do Edifício

Dia 5 de Setembro

Às onze meia horas será hasteada, na frente do prédio, a Bandeira Nacional ao som da música e ao estrugir de foguetes.

Ao meio dia, os alunos do Grupo, acompanhados pelos professores e Diretor, Comissão de festejos, e a banda de música regida pelo professor Olavo de Campos, sairão do prédio onde funciona o Grupo e percorrerão, em passeata cívica as principais ruas da cidade, dando entrada no novo edifício, ao som de entusiástica marcha executada pela banda de música, onde serão recebidos pelo Presidente e Vereadores da Câmara Municipal, os quais farão entrega do novo prédio ao Diretor do Grupo. Em seguida, pelo Diretor do Grupo serão instaladas todas as classes nas respectivas salas.

Para abrilhantar a todos os festejos estará, nesta cidade, a banda de música de Lavrinhas (Itaberá), regida pelo professor Luis França do Prado.

À noite haverá a iluminação do prédio do Grupo e as ruas centrais da cidade.

Haverá passeata da Comissão de festejos, acompanhada da banda de música e povo, saudando as autoridades e redações de jornais.

Dia 6 de Setembro

Sarau literário dos alunos do Grupo, dirigido pelo professor Mário Arantes, diretor e organizador do grupo.

1ª Parte

Hino – Saudação à Escola por uma comissão de alunas de diversos anos.

Secção masculina

1º ano A – Hino: “Cara Pátria” – recitação e poesias; cançoneta “O caçador”; hino – “Aos Bravos”.

1º ano B – Hino: “São Paulo”, poesias.

2º ano – Hino: “Ao Trabalho”, poesias – Hino Gabriel Prestes.

3º ano – Hino: “Pestalozzi” – poesias – Hino Gabriel Prestes, poesia: “Onde está a Pátria”.

2ª Parte

Saudação às alunas por uma comissão de alunos.

Secção feminina

1º ano A – Hino: “Belo Raio” – poesias – cançoneta: “A abelhinha”.

Comédia: “O batizado da boneca” – diálogo: “A órfã e a engeitada”.

1º ano B – Hino: “Mimoso passarinho” – poesias – comédia: “Mercado de Flores” – comédia: “A mestra e a aluna”.

2º ano – Hino: “A escola” – poesias – Hino: “Setembro” – comédia: “A

caridade” – diálogo: “A Primavera” – alegoria: “As estações do ano”.
 3º ano – Hino: “Nossa Terra” – poesias – Hino: “Nessa idade” - Comédia: “O Lunch” – alegoria: “Os tecidos” – Ginástica cantada por alunos de diversos anos – comédia: “O ensino antigo e o ensino moderno”.

3º Parte

Exercícios calistênicos, evoluções militares – Hino patriótico por todos os alunos do Grupo.

“À noite, sarau dançante”.

Faxina, 14 de agosto de 1900 – A Comissão:

José Manoel de Oliveira, Ernesto de Almeida Camargo, Arlindo de Castro, Teófilo Pimentel. (O SUL DE SÃO PAULO, 14 agosto 1900).

Foram dois dias de festas. A extensa programação dos festejos mostra claramente a importância dada à conquista de uma instituição escolar. As manifestações culturais como a música e a literatura, que fizeram parte das apresentações, concordam com os princípios republicano de moral e civismo, o ideal de ordem e progresso.

A intelectualidade local faz questão de transmitir à sociedade, que graças às ações do líder político republicano Coronel Fernando Prestes, a cidade comemora uma aquisição tão importante, conforme destaca o jornal local:

“A Faxina é grata ao coronel Fernando Prestes. Foi elle que, elevado pelo voto dos seus co-estadanos, a cadeira presidencial do nosso Estado, referendou o decreto creando o grupo escolar, cujos festejos inauguraes, nos dias 5 e 6 do corrente, tiveram lugar nesta cidade”. (O SUL DE SÃO PAULO, 9 de setembro 1900, n.215 Anno V).

Os Grupos escolares ou escolas graduadas, como eram chamados de início, foi uma idealização educacional que se espalhou pelo mundo e que serviu como referência civilizatória. Souza (1998) diz que, “no Brasil a escola graduada de ensino primário, compreendendo múltiplas salas de aulas, várias classes e alunos e vários professores, aparece pela primeira vez no ensino público, no Estado de São Paulo, na década de 1890”.

É pertinente perceber que na época em que Faxina ganha um grupo escolar, as mudanças no campo educacional do Estado acabavam de acontecer. Apesar da população reduzida e da pouca expressão econômica, Faxina contava com um aliado importante, na figura do deputado Coronel Acácio Piedade, que tinha excelente trânsito na nova assembléia republicana e é através dele que a cidade realiza essa conquista.

Do ponto de vista da atividade agrícola, fonte econômica de Faxina nota-se uma significativa produção e comércio de algodão que circulava em torno da

supremacia cafeeira do Estado.

2.3 Registros do cotidiano do Grupo Escolar de Faxina

Para entender a história desse Grupo, inicia-se, a partir desse momento, a investigação do acervo da escola, hoje, Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade que se encontra instalado nos porões da instituição. Pela boa vontade e trabalho de alguns diretores encontraram-se fontes relativamente bem conservadas, que podem contribuir para o entendimento da História da Educação do Brasil, de São Paulo e da cidade de Itapeva. É provável que muitas dessas fontes primárias, em outros grupos escolares do Estado, tenham se perdido.

Nesse acervo, de considerável quantidade de registros, localizou-se diversos livros de matrículas, livros de chamada, correspondências oficiais, livro de inventário de materiais, livro de lições entre outros.

2.3.1 Demanda de alunos

Observou-se dois livros de chamada de alunos, do 1º e 3º anos, seção masculina, de 1900, ocasião em que o Grupo Escolar da Faxina está sob a direção do diretor e inspetor Emilio Mario Arantes. Os livros são de capa-dura, grande, com as medidas de 40 centímetros de comprimento por 30 centímetros de largura e pela idade - 108 anos - parecem estar relativamente conservados. Quanto ao material é evidente ser de boa qualidade. Quanto à quantidade, os alunos estavam contabilizados da seguinte forma:

Movimento do Grupo escolar da Faxina – Seção masculina

| | | 1º ano A | 3º ano |
|------|----------|---------------|---------------|
| | | Nº. de alunos | Nº. de alunos |
| 1900 | Março | 48 | 43 |
| 1900 | Abril | 41 | 26 |
| 1900 | Maio | 42 | 25 |
| 1900 | Junho | 40 | 24 |
| 1900 | Julho | 44 | 25 |
| 1900 | Agosto | 44 | 26 |
| 1900 | Setembro | 46 | 26 |
| 1900 | Outubro | 48 | 25 |
| 1900 | Novembro | 49 | 23 |

Fonte: Livro de Chamada. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Nota-se que a maior demanda por matrículas, aconteceu no início da instituição, diminuindo gradativamente com o passar do tempo. É expressivo o número de alunos no primeiro ano e baixa taxa de evasão a exceção do 3º ano que apresentou 50% de desistentes. As aulas, nessa época, tinham início em fevereiro e término em novembro, com férias nos meses de dezembro e janeiro, e as aulas aconteciam de segunda a sábado.

Para se ter uma idéia, ainda fazem parte do acervo, com relativa conservação, 11 livros de chamadas do 1º ano, de 1901 a 1920, da sessão masculina.

O registro a seguir mostra a quantidade de livros de chamadas localizados no acervo da escola, da sessão masculina, de 1901 a 1920, dos 1º, 2º, 3º e 4º anos. O objetivo é demonstrar como se constituiu a demanda do alunado.

Livro de Chamada - 1º ano - Sessão masculina

| Ano | Aluno inicial | Alunos Final | Professores | Diretor |
|------|---------------|--------------|----------------------------------|-----------------------------|
| 1901 | 46 | 46 | José Feliciano Doliveira | Mario de Oliveira |
| 1902 | 47 | 50 | José Feliciano Doliveira | João Carlos de Toledo Ribas |
| 1903 | 24 | 31 | José Feliciano Doliveira | João Carlos de Toledo Ribas |
| 1904 | 38 | 55 | José Feliciano Doliveira | João Carlos de Toledo Ribas |
| 1905 | 45 | 36 | João Carlos de Toledo Ribas | Mario de Oliveira |
| 1906 | 36 | 32 | Vitalina Pacheco | Mario de Oliveira |
| 1909 | 27 | 22 | Anna Cândida Soares | Tomé Teixeira |
| 1910 | 24 | 17 | João Carlos Strasburg | Tomé Teixeira |
| 1911 | 43 | 41 | Maria Galvão | Fernando de Moraes |
| 1912 | 36 | 40 | Maria Galvão e Fortunata Ferrari | Fernando de Moraes |
| 1913 | 45 | 40 | Maria Galvão | Fernando de Moraes |
| 1914 | 48 | 36 | Maria Galvão | Fernando de Moraes |
| 1915 | 33 | 28 | Josina de Lima Vasques | Landim |
| 1916 | 44 | 38 | Maria Galvão | Landim |
| 1917 | 40 | 31 | Josina de Lima Vasques | Landim |
| 1918 | 38 | 29 | Josina de Lima Vasques | Landim |
| 1919 | 32 | 39 | Josina de Lima Vasques | Landim |
| 1920 | 39 | 43 | Josina de Lima Vasques | Landim |

Fonte: Livro de Chamada. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Foram encontrados 11 livros de chamadas do 1º ano, datados de 1901 a 1920. Duas professoras substituíam os professores efetivos em diversos períodos. Nota-se que o professor João Carlos de Toledo Ribas exercia concomitantemente o cargo de professor e de diretor em substituição ao diretor titular. Nessa época, todo tipo de carência a educação padecia. É pertinente ressaltar que as professoras já são em maior número e ministram aulas também na sessão masculina. Pode-se dizer que o fato se deve aos baixos salários dos professores, pois os homens, como

principais provedores, obrigavam-se a buscar melhores proventos em outras atividades.

A utilização do trabalho feminino no campo da educação vinha ganhando força em toda parte no final do século XIX, tendo em vista a necessidade de conciliar o recrutamento de um grande número de profissionais para atender à difusão da educação popular mantendo-se salários pouco atrativos para os homens. Em compensação, viria a se constituir num dos primeiros campos profissionais “respeitáveis”, para os padrões da época, abertos à atividade feminina. (SOUZA, 1998, p. 62)

A questão salarial do sistema educacional brasileiro, que começa com as escolas instituídas e vai até as estruturas mais sofisticadas de ensino, foi tratada, desde então, de forma perversa. Contudo, no cargo de diretor, de maior status e melhor remunerado, a presença masculina é mais assídua. Souza observa que “para a nomeação de diretor de grupo escolar passava a ser necessário o efetivo exercício de dois anos em escola-modelo ou em grupo escolar”. Na tabela a seguir tem-se a noção do movimento dos alunos do 2º ano.

Livro de Chamada – 2º ano - Sessão masculina

| Ano | Alunos Início | Alunos Final | Professor | Diretor |
|------|---------------|--------------|---|--------------------|
| 1905 | 29 | 29 | João Carlos Strasburg | João Portela |
| 1906 | 26 | 26 | Risoleta Galvão | João Portela |
| 1907 | 36 | 27 | Maria Galvão | João Portela |
| 1908 | 31 | 29 | Maria Galvão | João Portela |
| 1909 | 33 | 22 | Fortunata Ferrari | João Portela |
| 1912 | 29 | 24 | Álvaro Strasburg | Fernando de Moraes |
| 1913 | 37 | 40 | João Carlos Strasbug e Álvaro Strasburg | Fernando de Moraes |
| 1914 | 34 | 24 | João Carlos Strasburg e Álvaro Strasburg | Fernando de Moraes |
| 1915 | 32 | 30 | João Carlos Strasburg | Landim |
| 1917 | 37 | 29 | João Carlos Strasburg | Landim |
| 1918 | 44 | 41 | Mário Marcos Assumpção | Landim |

| | | | | |
|------|----|----|---------------------------|--------|
| 1919 | 35 | 41 | Maria da Conceição Santos | Landim |
|------|----|----|---------------------------|--------|

Fonte: Livro de Chamada. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Foram encontrados 4 livros de chamadas de 2º ano onde estão registrados o movimento dos alunos nos anos de 1905 até 1919. A demanda de alunos nos anos de 1905 começa mais baixa em relação aos anos posteriores, demonstrando que o ensino expande-se na cidade.

Livro de Chamada – 3º ano - Sessão masculina

| Ano | Qtd de alunos | Professor | Diretor |
|------|---------------|------------------------------|----------------|
| 1906 | 20 | João Carlos Strasbug | João Portela |
| 1907 | 26 | João Carlos Strasbug | João Portela |
| 1908 | 30 | João Carlos Strasbug | João Portela |
| 1909 | 23 | Substº Theophilo David Müzel | João Portela |
| 1910 | 28 | João Carlos Strasbug | João Portela |
| 1915 | 23 | João Carlos Strasbug | Landim |
| 1916 | 25 | João Carlos Strasbug | Landim |
| 1917 | 24 | Antonio G. de Oliveira | Landim |
| 1918 | 37 | Substº Cássio Mello | Landim |
| 1919 | 37 | João Carlos Strasbug | Landim |
| 1920 | 35 | Substº Cássio Mello | Landim |
| 1921 | 28 | Assumpção | Luiz José Dias |
| 1922 | 34 | Substº Cássio Mello | Luiz José Dias |

Fonte: Livro de Chamada. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Livro de Chamada – 4º ano - Sessão masculina

| Ano | Qtd de alunos | Professor | Diretor |
|------|---------------|---|-----------------------------|
| 1905 | 23 | Leônidas de Oliveira | Mariano Oliveira |
| 1906 | 20 | João Carlos de Toledo Ribas | Mariano Oliveira |
| 1907 | 22 | João Carlos de Toledo Ribas | Mariano Oliveira |
| 1908 | 22 | João Carlos de Toledo Ribas | João Carlos de Toledo Ribas |
| 1909 | 25 | João Carlos de Toledo Ribas | João Carlos de Toledo Ribas |
| 1910 | 22 | João Carlos de Toledo Ribas | João Carlos de Toledo Ribas |
| 1912 | 21 | Substº Mário Marcos Assumpção | Fernando de Moares |
| 1913 | 25 | Substº Mário Marcos Assumpção | Fernando de Moares |
| 1914 | 27 | Substº M. Assumpção | Fernando de Moares |
| 1915 | 28 | Álvaro Strasburg e o Substº Luiz C. de Carvalho | Fernando de Moares |
| 1916 | 25 | Álvaro Strasburg | Fernando de Moares |
| 1920 | 22 | Assumpção e o Substº Jeminiano D. Müzel | Luiz José Dias |
| 1921 | 23 | João Carlos Strasbug | Luiz José Dias |

Fonte: Livro de Chamada. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

O panorama geral das salas dá a idéia de que nos primeiros anos, 1º e 2º, a demanda de alunos é mais expressiva, já nas últimas séries, 3º e 4º anos, decresce o número de alunos. Outro aspecto interessante a se observar é que nessas séries finais, a presença de professores homens é maior que a de mulheres. Sobre a presença da mulher na atividade educacional, Souza lembra que:

A distribuição diferenciada das classes do curso preliminar a professores e professoras denota também os preconceitos e indefinições acerca da participação do trabalho feminino nos primeiros tempos da República. De acordo com o regulamento da instrução pública do Estado de 1892, a regência das escolas do sexo feminino e das escolas mistas cabia às professoras, enquanto a regência das escolas masculinas era permitida apenas aos professores. Posteriormente, foi facultado às professoras o ensino das primeiras séries da seção masculina e aos professores o ensino das últimas séries nessas seções. No entanto, a feminização do magistério

acabou por vencer as barreiras morais. (SOUZA, 1998, p. 64)

2.3.2 Inventário dos objetos

Quanto aos materiais necessários ao funcionamento do grupo, encontrou-se um livro de inventário dos objetos pertencentes ao Grupo Escolar de Faxina, datado a partir de 15 de março de 1900. Esses objetos eram fornecidos pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e da Justiça.

Nesta data o Grupo era recém criado, portanto, necessitava de todo tipo de material básico de infra-estrutura. Funciona provisoriamente num prédio adaptado até a nova escola ficar pronta. Constam no livro 122 itens de materiais discriminados, desde livros pedagógicos, administrativos e uma grande variedades de objetos, como por exemplo: 80 livros de 1º 2º, 3º e 4º livros de Kopke, 100 cartilhas de Galhardo, livros de chamada, matrícula, escrituração, História do Brasil de Moreira Pinto, astronomia, química, física, geometria, lições de coisas Saffrey, coleções de caligrafia, entre outros livros e lousas, 16 dúzias de lápis Faber nº 2, barril de tinta, 1 bandeira da República, mapas do sistema métrico, da Europa, da África, Mundo, América do Norte, Sul, Brasil, Estado de São Paulo, globo geográfico, 13 escarradeira de ágata, pregos, martelo, bacias de ágata, 1 piano, 200 carteiras escolares completas, 17 carteiras americanas vindas com as escolas isoladas, 1 escrivaninha vinda da 2ª escola entre outros.

Ao longo do tempo não são enviados os mesmos objetos. A partir de então, o livro é organizado como uma tabela: discrimina a quantidade, a designação, o estado (conservação), a procedência e a data de fornecimento. Nota-se que houve um recebimento considerável de materiais no início do Grupo instituído, porém, nos registros seguintes, percebe-se a prática de atividade de manutenção desses materiais que são relacionados pontualmente a cada ano, sem novas remessas. Os registros nesse livro se encerram em 1915.

2.3.3 Os professores

Em relação aos professores do Grupo, em um livro de ponto de 1900 a 1901 apresenta assinaturas constando comparecimentos diários. Com base nessa informação, pode-se perceber que o corpo docente, formado por 4 professoras e 4 professores, em 1900, assina no mesmo livro ponto. Observa-se a igual presença da mulher, que a partir de então, começa a ganhar mais espaço no magistério. A maior parte do quadro de professores do Grupo pertencia à categoria de professor adjunto, somente no início da fundação quando se juntaram ao Grupo oriundo das salas isoladas, escolas de Primeiras Letras. Depois as nomeações ficaram a cargo do governo republicano.

Corpo docente do Grupo Escolar da Faxina

| 1900 | 1901 |
|---------------------------------|--------------------------------|
| Leonor Soares da Silva | Emygdia Soares |
| João Carlos Toledo Ribas | Anna Cândida Soares |
| Emygdia soares | Jose Feliciano dOliveira Rocha |
| Anna Cândida Soares | Maria do Carmo Freire Gurgel |
| Luiz José Dias | João Carlos Strasburg |
| José Feliciano d Oliveira Rocha | João Carlos T. Ribas |
| João Carlos Strasburg | Miquelina de Oliveira santos |
| Maria do Carmo Freire Gurgel | Julia Augusta de Lima Vasques |
| Eulália Pinheiro de carvalho | Eulália Pinheiro de Carvalho |
| | Rosina Portella |
| | Cantídio Neves |
| | Leônidas de Oliveira |

Fonte: Livro Ponto. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Em 1901, o quadro docente altera-se gradativamente, e o número de professoras começa a sobressair. Sabe-se que muitos professores eram normalistas, diplomados pela Escola Normal da Capital, a única escola de formação de professores, ou pelas escolas complementares, ou ainda, nomeados pelo

governo com a indicação do diretor da escola.

Havia um expressivo déficit no quadro de professores, Souza (1998) diz que “o governo se utilizou das escolas complementares, correspondentes ao segundo grau do curso primário, para a formação de professores”. As críticas a esse tipo de ensino tornaram-se freqüentes, o professor que vinha da escola complementar recebia um pouco mais que a escola preliminar primária. Por estar próxima da cidade de Itapeva, os professores do Grupo Escolar de Faxina são oriundos do curso complementar de Itapetininga (1897), que no final do século XIX, fazia parte do seletor grupo de cidades que possuía uma das quatro escolas complementares no Estado.

Sobre os professores do Grupo Escolar, encontrou-se um livro de registro de nomeação. O livro compõe-se de 50 folhas, datada a partir de 1907 onde são registradas as nomeações até 1950. É interessante perceber que em todos os registros são usadas as mesmas palavras para dar posse aos professores conforme transcrição abaixo:

Ao primeiro dia do mês de Fevereiro de mil novecentos e sete, neste Grupo Escolar de Faxina, perante o diretor, compareceu D^a Cacilda Caçapava, nomeada professora substituta da adjunta D^a Rosina Caçapava, do mesmo estabelecimento, e prometeu ser fiel à causa da Republica, observar e fazer observar suas leis e regulamentos, e ser exato no cumprimento dos deveres do seu cargo. Em virtude do que foi lavrado o presente termo, que assigna com o diretor a alludida professora adjunta substituta.

Faxina 1º de Fevereiro de 1907

Cacilda Caçapava

João Carlos Toledo Ribas

É visível a instauração da ordem republicana e os teores das nomeações comprovam o paradigma da política vigente, o dever de jurar fidelidade à República e ao cargo, reafirmando o ideal de ordem e progresso. Este modelo de nomeação segue até o final do livro, e logo a baixo da declaração os professores assinam. Quanto à categoria do corpo docente, do Grupo Escolar de Faxina, parte do conjunto, compunha-se de professores adjuntos. Ao que parece não era valorizada a competência profissional, mas sim o prestígio político e pessoal. Para fazer parte do corpo docente de um grupo escolar, Souza (1998, p. 71, 72) diz que:

Inicialmente, o corpo docente dos grupos escolares foi formado pelos professores efetivos das escolas isoladas absorvidas pelo grupo por ocasião da reunião das escolas. Esses professores recebiam, então, a denominação de “adjunto do diretor”. Posteriormente, predominou o critério da livre

nomeação pelo governo, em conformidade ou não com a indicação do diretor, recaindo sobre professores formados pela Escola Normal ou escolas complementares. O termo “adjunto” passou, portanto, a designar o professor do grupo escolar e restringiu-se a esse significado (Tanuri, p. 91).

Dessa forma, o acesso e a ascensão na carreira não validavam a competência profissional certificada por critérios racionais como o concurso, e sim a indicação e o privilégio político e pessoal.

Para o provimento dos professores adjuntos para os grupos escolares, o critério era um professor para cada grupo de 35 alunos efetivamente freqüentes. (...). Os adjuntos podiam ser dispensados quando seus serviços se tornassem desnecessários. Nesse caso podiam requerer seu provimento em qualquer escola vaga ou serem nomeados para outro grupo escolar.

Nos livros de chamada que se teve acesso, fica evidente a categoria dos professores do referido Grupo, pois no alto das páginas dos livros aparecem os campos preenchidos pelo professores e uma outra categoria desses professores é o substituto. A presença dessa situação profissional é significativa ao desenvolvimento do trabalho educacional dos grupos escolares, pois, a falta de professores respaldava a sua presença. No Grupo Escolar de Faxina, essa categoria é a mais numerosa. Alguns professores são nomeados num ano e aparecem sendo nomeados, novamente no ano seguinte ou mesmo mês a mês. Esses professores atuavam como eventuais na falta dos professores efetivos. Para tanto, Souza explica que:

A falta de professores nos grupos escolares, seja pela demora nas nomeações seja pelas faltas freqüentes dos professores, resultou no aparecimento do professor substituto em 1904, uma inovação importante no grupo escolar. As nomeações dos substitutos eram feitas por ato do secretário dos Negócios do Interior e da Justiça, recaindo em professores diplomados pela Escola Normal ou pelas escolas complementares. Aos substitutos competia substituir os adjuntos efetivos em suas faltas e impedimentos, devendo comparecer diariamente ao estabelecimento, embora recebessem vencimentos somente quando efetivamente substituíssem o adjunto (Ibidem, 1998, p. 72).

Quadro de nomeações de professores do Grupo Escolar de Faxina – seção masculina e feminina:

| Ano | Substituto | Adjunto | Substituto Efetivo | Praticante | Total | Homens | Mulheres |
|------|------------|---------|--------------------|------------|-------|--------|----------|
| 1907 | 7 | 2 | 2 | | 11 | 2 | 9 |
| 1908 | 2 | 1 | | 1 | 4 | | 4 |
| 1909 | 7 | 1 | | | 8 | 3 | 5 |

| | | | | | | | |
|------|---|---|---|--|---|---|---|
| 1911 | 2 | 1 | 2 | | 5 | 3 | 2 |
| 1910 | 3 | | | | 3 | 2 | 1 |
| 1912 | 1 | 1 | | | 2 | | 2 |
| 1913 | 1 | | | | | | 1 |
| 1915 | | 1 | | | | 1 | |
| 1918 | | 2 | | | | 2 | |
| 1920 | | 1 | 1 | | | 2 | |

Fonte: Livro de Nomeação do Grupo Escolar de Faxina. (Acervo da Escola)

As nomeações dos professores são registradas pelo diretor e assinadas por eles. O número de professores substitutos é bastante expressivo. Quando esses professores eram nomeados não se mencionava a sua formação, porém, para os nomeados adjuntos ou efetivos, ficava registrada a formação – complementaristas ou normalistas.

A categoria de professor praticante aparece no documento de nomeação da professora Anna da Rocha Bandeira. O aluno que concluiu o curso da escola complementar deveria fazer um ano de prática em uma escola-modelo ou grupo escolar. Portanto, a nomeação da professora está no livro de nomeação e também no livro de atestado de prática. O diretor é quem atesta sua frequência de prática no Grupo. Assim registra o livro de atestados em 1906, p. 7 (Acervo da escola):

Atesto que a professora complementarista D. Anna Rocha Bandeira diplomada pela Escola Complementar de Itapetininga e autorizada a praticar neste estabelecimento de ensino por acto do Dr. Secretario do Interior iniciou a pratica a 1º de Fevereiro deste anno sem interrupção de um só dia e concluiu-a demonstrando dedicação e bom methodo de ensino, conforme tive ocasião de repetidas vezes verificar. Attesto mais que a referida professora acha-se em vista do exposto, legalmente habilitada para exercer o magistério em nosso Estado.

Grupo Escolar de Faxina, em 17 de Agosto de 1908.

O Diretor do Grupo Escolar, Thomé Teixeira.

Em 1911, o diretor, Fernando de Moraes, nomeia dois professores da categoria de substituto efetivo, um professor e uma professora. Esses professores serviram no Grupo por vários anos e passaram à condição de efetivos. Nota-se que havia poucos efetivos de fato. Outra categoria, colocada em 1915, foi encontrada no registro em que um professor, depois de várias vezes nomeado substituto pelo

diretor, acaba por ser nomeado adjunto, o que não era garantia de efetividade.

O mesmo livro de registro de nomeação de professores foi usado pelo diretor para nomear os porteiros João Ferraz de Mello, em 1911, e Evaristo Ferraz de Mello, em 1920. Em 1906 encontrou-se a nomeação do professor João Carlos Strasburg, na categoria de professor substituto, posteriormente adjunto efetivo.



Profº João Carlos Strasburg (IHGGI)

Nota-se que os professores davam aulas elegantemente trajados. Strasburg além de lecionar no Grupo Escolar de Faxina, também ministrava aulas no Gabinete de Leitura.

A maior parte dos professores do Grupo vinha da escola complementar de Itapetininga; isso é comprovado por meio de registros no livro de atestados de prática do qual se teve acesso. O livro, cuja capa é muito rígida, traz uma etiqueta que discrimina o tipo do documento, “Attestados de Pratica 1906”, sendo que na primeira página estão expostos: o carimbo de formato circular da Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Justiça; no centro, o carimbo da Diretoria do Interior, mais abaixo, o da dotação gratuita por conta do estado e o termo de abertura do livro, assinado pelo diretor João Portella, de 18 de maio de 1906. No final da página uma nota do mesmo diretor, dizendo: “Passa a servir para attestados

dos praticantes do mesmo Grupo. Faxina, 17 de agosto de 1906. João Portella. Diretor do Grupo”.

Professores complementaristas do Grupo Escolar de Faxina – 1906 a 1912

| Ano | Professor | Escola complementar | Diretor |
|------|--------------------------|-----------------------------|--------------------|
| 1906 | Honorina de Albuquerque | Itapetininga | João Portella |
| 1906 | Alzira Piedade de Mello | Itapetininga | João Portella |
| 1906 | Luiz Castanho de Almeida | Itapetininga | João Portella |
| 1906 | Cacilda Caçapava | Itapetininga | João Portella |
| 1907 | Eurico Ferreira de Mello | Complementar anexa a Normal | Tomé Teixeira |
| 1908 | Anna Rocha Bandeira | Itapetininga | Tomé Teixeira |
| 1912 | Mario Marcos Assumpção | Itapetininga | Fernando de Moraes |

Fonte: Livro de Nomeação do Grupo Escolar de Faxina. Acervo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade

O tempo de estágio, necessário à preparação pedagógica do complementarista, passou de um ano para seis meses, em escola-modelo ou em grupos escolares, autorizado pelo governo em 1902. Muitas vezes, para suprir a falta de professores nos grupos, o praticante substituíria o efetivo na regência das classes. No atestado do professor Eurico Ferreira de Mello, 1907, e do professor Mario Marcos Assumpção, 1912, os diretores mencionam a conduta e o bom desempenho dos professores e encerram escrevendo que ambos terminam o estágio, com a regência do 4º ano preliminar da seção masculina. Isso mostra que a carreira do professor estava vinculada ao aval do diretor. O professor que mantinha um convívio equilibrado com a direção da escola tinha a garantia de trabalho em qualquer parte

do Estado.

Nessa época, nota-se que a maior parte dos professores do Grupo Escolar de Faxina, tinha formação na Escola Complementar de Itapetinga, criada em 1895, que somente funcionou, em 1897. Isso se deve pelo fato de que Itapetinga por ser mais próxima, distando de Itapeva, ou da antiga Faxina, 120 quilômetros, absorvia o alunado que buscava esse tipo de modalidade de ensino.

Na primeira década da República somente uma Escola Normal, de excelência, funcionou na Capital. Tentou-se iniciar as reformas educacionais por meio da Escola Normal, contudo, pela incapacidade financeira do governo republicano em criar mais escolas para formar professores, foram criadas as escolas complementares, uma medida paliativa e precária, que correspondia ao segundo grau do curso primário. Souza (1998) diz que “dessa forma, além de descaracterizar completamente a fase complementar do ensino primário, foi estabelecida a dualidade de fato no sistema de formação do magistério – a Escola Normal, com um ensino de qualidade superior, e as escolas complementares, com um ensino pouco mais aprofundado que o elementar”.

2.3.4 Os Diretores

A direção do Grupo, no período estudado, foi ocupada somente por profissionais do sexo masculino. Para os postos de hierarquia superior e melhor remuneração a supremacia era masculina. Souza (1998) explica que “o privilégio dos cargos superiores da instrução pública ao gênero masculino, no Estado de São Paulo – direção e inspeção -, pode ser visto como uma reserva de mercado na qual os professores normalistas podiam contar com melhores salários e maior prestígio social”.

O professor João Carlos de Toledo Ribas, estando na direção do Grupo, registrado no livro de nomeação, de fevereiro a maio de 1907, nomeia para substituí-lo o professor Eurico Ferreira de Mello.

Ao diretor era dada uma certa autonomia, dada a falta de legislação mais específica, que poderia leva-lo a praticar ações autoritárias, próprias de quem detinha parcela do poder; Souza (1998) diz que “o diretor era visto como uma

autoridade do governo, um representante da República, era o guardião da ordem e da disciplina, tanto dos professores quanto dos alunos”.

A organização da escola era centralizada na figura do diretor, que coordenava, fiscalizava e dirigia o ensino no Grupo. É provável que o professor João Carlos de Toledo Ribas, cumprisse as funções do antigo cargo de “auxiliar de diretor”, um professor adjunto que em vários momentos substituíria o diretor titular. A criação do cargo de auxiliar de diretor foi reivindicada pelos diretores em virtude do aumento da burocracia. Criado em 1898, foi extinto em 1904, por medida de contenção dos gastos públicos.

A legislação precária aplicada pelo Governo do Estado estimulava a discórdia e, muitas vezes, colocava diretor e professor em franco confronto.

2.5 As Matérias

Nessa época existia o registro de lições. Era uma das medidas implantada com o aval da inspetoria Geral da Instrução Pública, que servia para o professor registrar semanalmente o que seria ou o que foi ministrado nas aulas. Esses apontamentos, no chamado “Diário de Lições”, às vezes, acabavam por gerar tensão entre professores e diretores. Os professores sentiam-se controlados e fiscalizados pelo diretor. Esta prática também foi aplicada pelos professores do Grupo Escolar de Faxina. Isso é comprovado pelos três livros encontrados de “Registros de Lições”, do 3º e 4º ano de 1914, da seção masculina e um do 4º ano, de 1916, seção feminina. As aulas eram planejadas e datadas semanalmente e assinadas pelo diretor. O professor registrava os conteúdos trabalhados em cada disciplina e dava explicações sobre onde parou e iria continuar.

Os conteúdos das disciplinas deveriam ser trabalhados de forma contextual, utilizando exemplos da vida cotidiana, de acordo com o método intuitivo – aquisição do conhecimento pela observação e pelo meio. Souza (1998, p. 165) descreve que, “O apelo à observação, à experiência, a relevância dada ao concreto e à curiosidade infantil contrapunham-se às práticas mnemônicas, à recitação em coro, às lições de cor”.

“As lições sobre as matérias de qualquer dos anos do curso deverão ser mais empíricas do que teóricas e abstratas e encaminhadas de modo que as faculdades infantis sejam provocadas a um desenvolvimento gradual e harmonioso. O professor deverá ter em vista, sobretudo, desenvolver a faculdade de observação, empregando para isso os processos intuitivos” (Decreto n.248, de 26.7.1894). (Ibid, 1998 p. 163).

O registro era feito de forma bem organizada, os nomes das disciplinas - matérias - eram colocadas em seqüência e, ao lado, o conteúdo trabalhado. Nota-se que o conhecimento que se ensinava favorecia as classes dominantes. As meninas para serem mães e donas de casas perfeitas e aos meninos uma instrução para levar-lhes a postos de comando e de organização na sociedade. Para isso deveria ser ensinado o conhecimento enciclopédico. A tarefa da educação passa a ser a de preparar os indivíduos para estarem aptos a viverem conforme o contexto político e sócio-econômico criado pelo governo.

É interessante observar os “Registros de Lições” do Grupo Escolar de Faxina, nessa época, pois se pode comprovar a maneira de como estava organizado o quadro das matérias do programa curricular das escolas públicas do Estado de São Paulo. Apresenta-se como exemplo três registros de lições, de diferentes datas, seção masculina e feminina do Grupo a seguir.

São notórias as lições de Educação Cívica e Moral ministradas nestas classes, há uma ordem de civismo, de nítida divisão de classe social e de diferenças de gêneros. Nota-se a política republicana no discurso positivista de ordem e progresso.

À educação feminina estaria destinada a tarefa de formar boas donas de casa, mães, esposas, para a garantia da ordem da nova nação.

Quadro das matérias – seção masculina

| | |
|---|---|
| 4º ano - Semana de 27 de Abril a 2 de Maio – 1914 | |
| Professor João Carlos Strasbug | |
| Currículo | Lição |
| Leitura | Explicação, leitura e exposição das lições “As bolhas de sabão”, “Tio Pedro”, dos livros – Primeiro livro, de Francisco Vianna e Minha Pátria, de J. Pinto e Silva. |
| Linguagem oral | Interpretação e formação de sentenças |

| | |
|-------------------------------|---|
| | das lições dadas. |
| Linguagem escripta | Formação de sentenças. Completar sentenças e correcção de sentenças escriptas na ordem inversa. |
| Arithmetica | Problemas fáceis sobre as quatro operações fundamentais. |
| Geographia | Palestras sobre os nomes das ruas do quarteirão em que o Grupo está situado. |
| Historia | Continuação do estudo sobre o duque de Caxias. |
| Sciencias Physicas e Naturaes | Continuação do estudo de uma flor simples. Palestras sobre as partes do corpo humano. Qualidade dos corpos: fibroso, granuloso e salgado. |
| Musica | Canto por audição. |
| Educação Cívica e Moral | Respeito à rua; inscrições inconvenientes nas paredes e muros. (grifo nosso) |
| Geometria | Estudo completo do cone. |

Fonte: Livro de Lições. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Quadro de matérias – seção masculina

| | |
|---|---|
| 4º anno - Semana de 23 a 28 de Março – 1914 | |
| Professor João Carlos Strasburg | |
| Currículo | Lição |
| Leitura | Explicação, leitura e exposição das lições “A boneca”, “O aniversario de Lucia”, e “O museu”, dos livros – Primeiro livro, de Francisco Vianna e Minha Pátria, de J. Pinto e Silva. |
| Linguagem oral | Interpretação e formação de sentenças das lições dadas. |
| Linguagem escripta | Formação de sentenças. Cópia e ditado de pequenos trechos. |
| Arithmetica | Somma e subtração. Problemas muito simples. |
| | Medida do tempo. Termos geographicos: |

| | |
|-------------------------------|--|
| Geographia | denominações dadas às terras e às águas. Estudo feito à vista, digo, feito com auxilio do taboleiro de arêa. |
| Historia | Palestras sobre a Independencia. Jose Bonifácio. |
| Sciencias Physicas e Naturaes | Animaes domésticos. Animaes úteis à agricultura. Animaes nocivos à agricultura. O caule: suas applicações mais usuaes. As cores primarias e secundarias. |
| Musica | Nomes das notas. Posições das figuras na pauta. Canto por audição. |
| Educação Cívica e Moral | Palestras sobre o tratamento devido aos criados e inferiores em geral. (grifo nosso) |
| Geometria | Continuação do estudo da pyramide. |

Fonte: Livro de Lições. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Quadro de matérias - secção feminina

| | |
|--|---|
| 4º anno - Semana de 17 de julho a 22 de julho – 1916 – Professora Maria da Silveira Vasconcellos | |
| Curriculo | Lição |
| Leitura | Preparo explicação, leitura e exposição das lições: “Desporto perigoso” do livro “Novas Leituras”. “Os holandezes na Bahia”, do livro “Minha Pátria” e “A família” do livro “Princípios de Educação Moral e Cívica” de Henrique Coelho. |
| Linguagem oral | Conjugação objectivada de verbos. Conhecimento de adjectivos. |
| Linguagem escripta | Reprodução de uma historieta e interpretação de uma gravura. |
| Arithmetica | Resolução de problemas da pagina 366 da Arithmetica adaptada. |
| Geographia | Revisão do estudo feito sobre o Brasil. |
| Cosmographia | Palestras sobre a Lua e suas phases principaes. |
| Historia | Palestras sobre a invasão holandeza na Bahia, de accordo com a Minha Pátria. |
| Sciencias Physicas e Naturaes . | Palestra sobre o corpo humano, sobre o fructo, sobre o carvão de pedra, sobre a luz e sobre a electricidade. |
| Geometria | Traçado ou desdobramento da fig. Nº8 (criado-mudo) do 3º caderno de J. Ventura Fornos, visando a revisão de linhas, ângulos, quadriláteros, etc. |
| Educação Cívica e Moral | Palestras sobre os deveres para com a família. (grifo nosso) |

| | |
|--------|---|
| Musica | Leitura e copia dos exercícius nºs 14 e 15. |
|--------|---|

Fonte: Livro de Lições. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

2.6 Exames

Outra prática valorizada nessa época eram os exames escolares. Era tão importante que o jornal publicava os dias e os nomes dos examinadores, professor, advogados, políticos entre outros. Os dias de exames eram considerados solenidades e registrados no livro de ata os alunos que iriam fazer os exames, depois registrados os alunos aprovados e os nomes dos retidos; isso mostra o quão seletivo os exames se mostravam. É interessante observar o registro de abertura de exame do Grupo Escolar de Faxina, de 1900, recém criado, da qual se transcreve um pequeno trecho de uma ata da seção feminina de 1900 do acervo do Grupo:

Termo de exame dos alumnos do Grupo escolar desta cidade de Faxina sob a direção do Professor adjunto João Carlos de Toledo Ribas.

Aos vinte dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos, nesta cidade de Faxina, em uma das salas do edificio do Grupo Escolar às dez horas da manhã presentes a comissão examinadora composta de seu presidente a professor adjunto João Carlos de Toledo Ribas e dos examinadores professor João Carlos Strasbug e o advogado Rodolpho Casimiro da Rocha presentes muitas pessoas interessadas no acto, foi pela professora do Primeiro annno A da secção feminina apresentada à lista das alumnas matriculadas em sua classe, o presidente procedeu à chamada, tendo a ella respondido as alumnas – Alice Nunes Benfica,... . Tendo-se procedido o exame nesta classe e findo este teve lugar o julgamento, cujo resultado é o seguinte: Approvadas plenamente, por unanimidade de votos Maria Tavares, Augusta Piedade,

É significativa a repercussão pública que os exames finais conquistaram. A sociedade era convidada e significava dia de festa para a cidade. O jornal O Sul de São Paulo publica os exames, convidando as famílias e autoridades a participarem dos exames. Estava no ideário da população que os exames eram uma prática que atestava a qualidade da escola pública e o aluno aprovado era orgulho para a família. O governo republicano estimulou essa avaliação sistemática, pois a eficiência do processo avaliatório acabava por dar status à escola da República. Pode-se imaginar o constrangimento daqueles alunos que não conseguiam aprovação nesses exames, pois as provas eram corrigidas imediatamente, na frente de todos, sendo o resultado anunciado aos presentes e publicada uma lista dos aprovados e reprovados. Os exames eram realizados em sessão solene, com discursos, poesias, e entrega de prêmios aos primeiros colocados. Uniam-se assim,

o exame e a festa de encerramento, numa só solenidade.

O jornal da cidade, “O Tempo”, publica em 1º de dezembro de 1910 os nomes dos melhores alunos. Era claro a importância que se dava à meritocracia. Os alunos que tinham facilidades com a aprendizagem eram homenageados e dado todas as honras. Ficava explícito que essa prática de expor os resultados de exames ao público, estimulava a competitividade e ao mesmo tempo a rivalidade entre os alunos e pais.

GRUPO ESCOLAR DE FAXINA
ESCALAS DO ESFORÇO
Mez de Novembro
Logares de Honra

| Secção Masculina | Secção Feminina |
|------------------------------|---------------------------------|
| 1º Anno A | 1º Anno A |
| 1º logar – Luiz Merege | 1º logar - Minervina de Moraes |
| 2º logar - Donato Moraes | 2º logar - Maria Leme |
| 3º logar – Gregório Mancebo | 3º logar - Aracy de Camargo |
| 1º Anno B | 1º Anno B |
| 1º logar – Olavo de Campos | 1º logar – Maria Lacerda |
| 2º logar - Agrícola Monteiro | 2º logar - Eugenia Brisolla |
| 3º logar – João Graumann | 3º logar – Felicidade Martins |
| 2º Anno A | 2º Anno |
| 1º logar – Abnel de Moura | 1º logar – Margarida Rodrigues |
| 2º logar - Manoel Camargo | 2º logar - Anna França |
| 3º logar – Manoel A. Negrão | 3º logar – Maria J. Rodrigues |
| 2º Anno B | 3º Anno |
| 1º logar – Elmiro Moura | 1º logar – Florisa Vasconcellos |
| 2º logar - Marino Tortelli | 2º logar - Fanny de Camargo |
| 3º logar – Josué Figueira | 3º logar – Lucrecia Merege |
| 3º Anno | 4º Anno |
| 1º logar – Estellita Ribas | 1º logar – Fernandina Brisolla |
| 2º logar - João Moreira | 2º logar - Leonor F. Machado |
| 3º logar – Eurico Monteiro | 3º logar – Affonsa Mancebo |

Faxina, 1º de Dezembro, 1910.

Diretor Fernando de Moraes

Os alunos que tiravam boas notas eram considerados esforçados, por isso merecedores de prêmio. O aluno recebia um cartão vale prêmio pelos seus méritos. O objetivo dessa prática era, certamente, estimular o aluno a aplicar-se cada vez mais. Esse tipo de cartão servia a uma estratégia, utilizada pelo professor, para levar os alunos a competirem entre si em busca de melhores notas.



Vale Mérito – 1910 (Acervo da EM Coronel Acácio Piedade)

Num livro de matrícula do Grupo Escolar de Faxina que se acha guardado no acervo da Escola, encontrou-se uma anotação sistemática do balanço de movimento dos alunos de 1900 a 1911. O referido movimento está afixado (colado) na capa interna desse livro, o que é provável que tenha sido feito pelo diretor do Grupo.

Movimento do Grupo Escolar de Faxina desde a sua fundação

| Annos | Classes | Alunos matriculados | Porcentagens de freqüências |
|-------|---------|---------------------|-----------------------------|
| 1900 | 09 | 291 | 80,3 |
| 1901 | 09 | 264 | 78,5 |
| 1902 | 10 | 274 | 84,4 |
| 1903 | 10 | 249 | 75,6 |
| 1904 | 09 | 232 | 72,2 |
| 1905 | 09 | 166 | 83,3 |
| 1906 | 10 | 225 | 84,4 |
| 1907 | 10 | 267 | 86,7 |
| 1908 | 10 | 295 | 79,3 |
| 1909 | 10 | 253 | 69,4 |
| 1910 | 10 | 255 | 86,3 |
| 1911 | 10 | 348 | 79,3 |

Fonte: livros de matrícula. Acervo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade.

Nota-se que a demanda de alunos, entre 1900 a 1911, em dez anos, teve uma oscilação no meio desse período, diminuindo expressivamente o número de alunos. Já a partir de 1911, o número de alunos começa ter um gradativo aumento. Percebe-se também que a porcentagem de freqüência mantém a mesma média nos

dez anos.

3 - O GRUPO ESCOLAR CORONEL ACÁCIO PIEDADE – 1913 A 1918

Neste período, por volta de 1910, o Grupo Escolar de Faxina funcionava com dez salas, dois primeiros, dois segundos anos e um terceiro ano masculino. A seção feminina era formada por dois primeiros anos, um segundo, um terceiro e um quarto ano. A procura por instrução aumentava gradativamente ano a ano. Iniciam-se nessa época as notícias sobre a necessidade de um novo prédio para o Grupo.

Passados dez anos da inauguração do primeiro prédio do Grupo Escolar, já pequeno, aparecem nos jornais as primeiras notícias sobre a construção de um novo edifício para o Grupo Escolar de Faxina.

No contexto político nacional, em 1910, o jornal da cidade, “O Tempo”, anuncia a eleição presidencial para 1º de março, que faz menção à recomendação feita pelo “grande partido republicano” nos nomes do Marechal Hermes e Wenceslau Braz. Em edição de 6 de março é publicado o resultado das eleições, dando vitória ao Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca e do vice Wenceslau Braz. O jornal publica a votação dos presidentiáveis: Hermes - 408.985 votos e Ruy - 193.408 votos. Para Vice - Presidente - Wenceslau – 408.289 votos e Lins – 191.010 votos.

Em maio de 1910 a Câmara Municipal desapropria um terreno na Rua das Tropas que pertencia ao capitão Luis Catarina dos Santos para ser construído um novo prédio para o Grupo Escolar de Faxina da “altura da importância atribuída à educação naquele momento histórico”, a República.

No mesmo ano foi submetido o orçamento da obra à Secretaria do Interior. Em dezembro de 1910 a Câmara Municipal, já com a planta aprovada, contrata os construtores César Belézia e João Cavani. Em janeiro de 1911, as obras são iniciadas. Em março de 1912 o prédio já estava recebendo o madeiramento do teto e, em junho do mesmo ano, quase concluída a construção, faltando somente os muros que o cercam e suas dependências, sendo que em 04 de maio de 1913 o imponente prédio foi entregue à Câmara Municipal e marcada a inauguração para 15 de dezembro do mesmo ano, por ocasião do encerramento das aulas.



Em 1912 a obra estava quase concluída. (Fonte: IHGGI)

Em edição de 8 de Dezembro de 1913 o jornal “O Tempo” publica os festejos de inauguração do prédio do Grupo Escolar e da luz elétrica para Faxina.

Segundo Souza (1998) “Em muitas cidades, aos lados da Igreja, da Câmara Municipal, da Cadeia e dos palacetes dos senhores e coronéis, os portentosos do lugar, o grupo escolar reluzia como um dos mais bonitos prédios públicos”.

A instalação do edifício do Grupo Escolar de Faxina ocupa uma área de 10.000 m² de área, localizado no alto da colina na Rua das Tropas.

Em 21 de dezembro de 1913, o jornal O Tempo, estampa na primeira página as festas da entrega do novo prédio do Grupo Escolar:

“Imponentes festas realizadas no dia 15 do corrente de uma das janellas do elegante edifício usou da palavra o Exmo Sr. Coronel Accácio Piedade, congratulando-se o povo da Faxina... Terminando a sua oração, levantou viva a Faxina, ao governo do Estado e a República... Hastendo o Pavilhão Nacional” (O TEMPO, 1913, Num 624, Anno XIII).

Na ocasião, o número de alunos matriculados atingia a soma de quatrocentos, tornando assim o antigo prédio pequeno.

3.1 O novo edifício do Grupo Escolar de Faxina

É um prédio elegante, imponente com características neoclássicas. A monumentabilidade dos grupos escolares servia como vitrine para o ideal republicano. E nesse sentido, o Grupo Escolar de Faxina correspondia à perspectiva educacional do modelo político implantado pelo novo governo.

Apesar de ter apenas um andar, sua frente é levantada, assentada sobre amplos porões. A parte central da fachada, adornada por quatro amplos janelões, se recolhe, ladeada, tanto à esquerda quanto pela direita, por dois conjuntos menores, com três janelas cada, que se projetam em direção à avenida do mesmo nome, separados do gradil frontal por vinte metros de um amplo jardim que adorna todo o espaço pela largura de um quarteirão.

Os dois conjuntos ladeiam, por suas paredes voltadas para a fachada central, com duas amplas escadarias que dão acesso a dois setores distintos dentro de um mesmo prédio: um masculino e outro feminino, como era costume na época. Por qualquer das portas que se entre, depara-se com plantas simétricas e idênticas. Um corredor largo dá acesso, pelo lado esquerdo para quem entra pela direita do prédio, a duas amplas salas de aula, cujas paredes de fundo, construídas em madeira, dividem as mesmas com suas idênticas da ala esquerda do edifício. A primeira sala tem suas janelas voltadas para a fachada e a outra para o pátio, na parte posterior do edifício. Juntas com as duas salas da ala esquerda, formam um bloco central com quatro salas de aula. Nota-se que nas divisórias de madeira existe uma pequena porta que dá acesso às salas da outra ala.

Pelo lado direito da porta de entrada, por onde se inicia o corredor, temos uma pequena sala de administração, parte do conjunto que se projeta na lateral do prédio. Ao seu lado, complementando o mesmo conjunto, uma porta já no início do lado direito do corredor, dá acesso a uma outra sala administrativa onde hoje funciona a secretaria da escola, que tem as dimensões de uma sala de aula.

Logo na seqüência, temos mais duas salas de aula, cujas janelas dão para a lateral externa do prédio, formando um conjunto de quatro salas de aula por setor. Fechando o fundo do corredor, temos mais uma pequena sala, nas mesmas dimensões da saleta frontal que fecha o início do corredor. Essa mesma disposição encontramos replicada na ala esquerda, somando, ao todo, oito salas de aula, quatro saletas e mais duas salas grandes para fins administrativos e pedagógicos.

Os fundos dos corredores têm portas voltadas para as laterais internas que dão acesso a um amplo pátio coberto, afastado uns dez metros do prédio principal, contendo na sua face posterior, dependências para a cozinha, despensa e banheiros em sua planta original, hoje modificado com a construção de um palco de apresentações em seu lado esquerdo, com mais sanitários atrás do palco e, pelo lado direito, o acréscimo de mais duas salas de aula, além de uma quadra poli esportiva que ocupa quase todo o fundo da área pertencente à escola.



Grupo Escolar de Faxina – A obra concluída em 1913 (Fonte: IHGGI)

Segundo Carvalho (2000), “em todo o Brasil, os grupos escolares foram projetados para dar visibilidade aos projetos educacionais republicanos”.

3.2 O Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade

Passados cinco anos de sua inauguração, em 1918, por meio de um pedido que a Câmara faz ao Governo do Estado, o Grupo Escolar de Faxina muda de

nome, em decorrência do falecimento do então deputado Coronel Accácio Piedade. Assim, o Grupo Escolar de Faxina, a mais antiga e primeira instituição pública da cidade de Itapeva, passa a ser denominada Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade.

Nos primórdios da República, uma das práticas políticas mais utilizadas na promoção da instrução pública, era dar destaque à figura do patrono. Os grupos recebiam denominações especiais em homenagem aos políticos republicanos que lutaram em favor da escola pública. Como diz Souza:

Com a finalidade de promover a escola primária, os primeiros reformadores da instrução pública na era republicana estabeleceram que os grupos escolares receberiam denominações especiais em homenagem aos cidadãos que concorressem com donativos para a causa da instrução pública. Dessa forma, o Estado fez da escola primária, o suporte de mais um símbolo – o tributo à memória de importantes autoridades políticas. A figura do “patrono” vincula a escola a uma determinada herança e memória social e política. Estabelecia, ainda, uma identificação entre as finalidades morais, sociais e culturais da escola e as qualidades enaltecidas do patrono. (SOUZA, 1999, p. 126).



Coronel Acácio Piedade (IHGGI)

O Coronel Acácio Piedade foi um dos mais destacados políticos da região. Nascido em Faxina em 1875 foi advogado e Tabelião. Eleito vereador por vários

mandatos e deputado estadual em 1910, pelo quinto distrito, tendo sido reeleito para os mandatos de 1912 a 1915 e de 1915 a 1918.

Em 1917, com quarenta e dois anos, foi assassinado na Estação Sorocabana de Faxina, onde se encontrava de viagem para São Paulo. Como descreve a historiadora local, professora Leonor Ribeiro (1985): “Aos seus funerais compareceram cerca de duas mil pessoas”. Todos os alunos e professores do Grupo Escolar acompanharam o féretro, trazendo o Estandarte envolto em crepe. Levavam também uma coroa com os dizeres: “Homenagem do Grupo Escolar de Faxina ao Cel. Acácio Piedade”.

Dentre os livros que compõem o acervo da referida escola, o antigo Grupo Escolar de Faxina - Grupo Escola Coronel Acácio Piedade, encontrou-se um livro de “pessoal do Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade” que faz a cópia do mapa do movimento do grupo, mês a mês, a partir de 1920, onde descreve os nomes dos diretores, professores e funcionários. Por esse mapa pode-se ter uma idéia sobre a vida funcional de cada professor, diretor, serventes, porteiros e a quantidade de alunos matriculados e freqüentes.

Fazendo uma rápida análise das fontes que ainda estão no acervo da referida escola, chega-se a conclusão de que muito se tem por fazer, porém deve ser feito com uma certa urgência, pois não se sabe até quando que esse material vai suportar intacto, esperando a consciência das autoridades em promover o tombamento e acondiciona-los adequadamente.

CONCLUSÃO

A finalidade desta pesquisa foi compreender o momento de fundação do Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade de 1900 a 1918. É relevante dizer que quando comecei esta pesquisa havia um otimismo em relação ao objeto de estudo. De início parecia fácil, porém, ledo engano, pois, como dar conta de levantar a história de uma instituição que outrora foi importante para a cidade e que hoje guarda as lembranças de um passado que deixou marcas significativas e que no presente estão indelévels. Como historiar uma instituição de pouco mais de um século e abarcar toda a gama de especificidades contida? Tarefa árdua que se delegará para um tempo futuro.

Ao iniciar a presente pesquisa pude perceber que o Grupo tinha uma riqueza de material ainda pouco explorada, não pela ausência de fontes e sim, pelo pouco interesse ou falta de conhecimento por parte de pesquisadores em resgatar a sua memória histórica.

Percebeu-se um rico acervo de fontes primárias, que apesar do tempo, cento e oito anos, estão em relativamente bem conservados no porão da atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade. Então, quando se iniciou a pesquisa, houve a necessidade de se conhecer de que maneira se deu a educação escolar de Itapeva. Para isso buscou-se investigar os primórdios das primeiras aulas avulsas da cidade, antiga Faxina.

A vila de Itapeva da Faxina, no contexto da organização econômica, fazia parte do conjunto de vilas que serviam como entreposto de circulação de mercadorias. Praticava-se o aluguel de pastagens nas fazendas de inverno, áreas de descanso e engorda das tropas de muaras até atingir o mercado de Sorocaba. No setor agrícola, nas terras de boa qualidade, Faxina herdara dos indígenas o cultivo do milho, firmando-se, juntamente com o Brasil, como um modelo econômico agrário.

Ao buscar entender a gênese histórica da educação da cidade, notou-se que era de interesse significativo para a sociedade. Investigou-se as atas de reuniões da Câmara, onde várias vezes a educação era tema de pauta. Então se chegou à conclusão de que Faxina também almejava uma educação popular, e de qualidade juntando-se ao ideal de educação redentora do resto do país. Contudo, nessa época

não havia por parte do governo Imperial um interesse em oferecer um sistema único de educação para todo o país. Portanto, graças à luta do poder local, da Câmara de vereadores, Faxina, em 1900, consegue sua primeira instituição escolar - escola reunida; as salas espalhas do ensino de Primeiras Letras se agrupam em um único prédio, denominado Grupo Escolar de Faxina.

Com a criação do grupo, percebe-se a intenção política do novo regime de governo da República, cujo principal mote era tirar o povo do analfabetismo, pois acreditava-se de que a educação gratuita, extensiva a todos levaria o país ao progresso e à modernidade.

Nota-se quando da sua fundação um importante marco histórico - patrimonial para a população da cidade, pois, a partir da escola instituída, sente-se que a cultura começa a toma corpo. Isso evidencia pelo fato que a cidade surgiu das atividades primárias, como o desbravamento das terras do interior do país, que acaba por caracterizar a cidade e região como pobre e atrasada, diferente das regiões exportadoras do Brasil e da Província de São Paulo.

Portanto, o Grupo Escolar de Faxina faz parte do rol dos primeiros grupos escolares construídos no início da República, no Estado de São Paulo e, todo o seu acervo pode contribuir para o entendimento da História da Educação do Brasil e do Estado. Foi possível perceber, pelas fontes encontradas, Livro Ponto e Livro de nomeações dos Professores, como das práticas escolares, os exames, as festas de encerramento dos finais de ano, que o grupo esteve de acordo com os ideais republicano de ordem e progresso e que seriam fortalecidos pela educação.

Passados dez anos, em 1910, com o gradativo aumento da demanda de alunos, os políticos locais voltam a reivindicar junto ao governo da Província a construção de um prédio próprio para o grupo escolar. A Câmara oferece um terreno localizado na parte alta e central da cidade na Rua das Tropas, e é dado início às obras.

Em 1913 o Grupo Escolar de Faxina é transferido para o novo edifício imponente e de estilo neoclássico. A nova instalação do grupo escolar vai ao encontro das ansiedades dos políticos e da elite do local, posto que a educação era vista como a salvadora da ignorância e do atraso da sociedade.

A arquitetura do prédio conversa com os ideais da República no sentido de que a monumentabilidade do edifício serve como vitrine dos ideais de ordem e progresso.

O Grupo Escolar de Faxina, após cinco anos no novo prédio, em 1918, com a morte do deputado Coronel Acácio Piedade em 1917, importante político da região, passa a ser denominado Grupo Escolar Coronel Acácio Piedade, nome que perdura até hoje.

Conclui-se, portanto, que se tem a consciência de que esta pesquisa é um pequeno início, um prefácio do que se deveria historiar. Ter acesso e conhecer uma pequena parte do acervo da instituição foi uma grande experiência ao mesmo tempo que gerou um temor de saber que não se conseguiria dar o tratamento adequado ao material e tampouco poder organizá-lo, com o intuito de viabilizar para as próximas pesquisas, a serviço de quem se interessar, pois, certamente, o material que se encontra no porão da Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade é de expressivo valor para a História da Educação.

Contudo, com relação o que a referida escola instituiu para Itapeva, considerando os aspectos políticos, sociocultural e econômico, conclui-se que ela veio ao encontro dos anseios da época.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Silvio Alberto Camargo. **Arqueologia de Itapeva, SP: contribuição à formação de políticas públicas para gestão patrimonial**. São Paulo, 2006, p.3. Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2006.

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 4ª edição. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1963.

BARBOSA, Euflavio. **Curiosa história de Itapeva no século XIX**. 3 v. 1988. Fonte primária manuscrita. Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapeva.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**. Das origens a 1889 (terceira edição). São Paulo: Fulgor, 1967.

BRUNO, Ernani Silva. **Viagem ao país dos paulistas**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora S. A. 1966.

CASTANHO, Sergio. Institucionalização das instituições escolares: final do Império e Primeira República no Brasil. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura, SANDANO, Wilson, LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Dermeval (orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

CAVANI, Carolina Santos. **A desconcentração industrial no estado de São Paulo das décadas de 1970-1980: descrição, posições interpretativas e abordagem exploratória sobre o envolvimento da área de Itapeva**. Monografia de bacharelado em Ciências Econômicas. Florianópolis Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

COLODEL, José Augusto. **Mesorregião oeste do Paraná: diagnóstico e perspectivas**. Pesquisa do Convênio nº 5577/98 entre Itaipu Binacional e a Universidade do Oeste do Paraná. Cascavel, PR. 1988.

COSTA, Manoel dos Passos da Silva. **A trajetória de uma unidade educacional CEFET- Pato- Branco – PR**. São Paulo, 1999, Dissertação de mestrado da Universidade de Campinas - UNICAMP, e da Universidade estadual do Centro Oeste – UNICENTRO/ Guarapuava-PR.

FREIRE, Gilberto de Melo. **Casa - grande e senzala**. 12ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1963.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

LOPES, E.M.T.; FILHO, L.M.F.; VEIGA, C.G. 500 Anos de educação no Brasil. Belo

Horizonte: Autentica. 2000. 2ª ed.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2004.

MARQUES, Silvia Corrêa. **História e memória do Jaó. Um bairro rural de negros**. Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 2001.

NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do. **Memórias da educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP Editora Unicamp, Centro de Memória – Unicamp. 1999. (Coleção Campiniana, nº20).

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Schola mater: a antiga Escola Normal de São Carlos 1911-1933**. São Carlos, EDUSFSCar, 2002.

_____ **As Pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico**. HISTEDBR- 20 anos, UNICAMP. 2005

NUNES, Clarice. **História da Educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos**. Teoria e Educação. Dossiê: História da educação. Rio de Janeiro, 1992.

OLIVEIRA, Leonor Ribeiro de. **Síntese história da E.E.P.G. Cel. Acácio Piedade**. 1985. Biblioteca Municipal de Itapeva.

O SUL DE SÃO PAULO. Semanário Imparcial. Documento disponível na Casa da Cultura Cícero Marques. Faxina – SP.

O TEMPO. Semanário. Documento disponível na Casa da Cultura Cícero Marques. Faxina – SP.

_____. Semanário Imparcial. Documento disponível na Casa da Cultural Cícero Marques. Faxina – SP.

PRADO JÚNIOR. Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: 23ª ed**. São Paulo, Brasiliense, 1997.

PRADO JÚNIOR. Caio. **História econômica do Brasil**. 46ª reimpr. da 1ª ed. de 1945. São Paulo, Brasiliense, 2004.

PIEIDADE. C. A. **Arquivo da Escola Municipal Coronel Acácio Piedade**. Livro para cópia de ofícios. Itapeva, São Paulo.

_____ Livro de matrícula (seção masculina e feminina).

_____ Livro de mapa do movimento do Grupo.

_____ Livro de nomeação.

_____ Livro ponto dos professores.

_____ Livro de chamada (seção masculina e feminina).

_____ Livro de inventário.

_____ Livro de Registro de lições.

_____ Livro de Registro das notas de exames dos alunos.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira. A organização escolar.** 17ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção memória da educação).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

SANFELICE, José Luis. **História de instituições escolares. Apontamentos preliminares.** In: Revista HISTEDBR *on line*, [http://www.unicamp.br/art1_8.html]

_____ **História, instituições escolares e gestores educacionais.** In: Revista HISTEDBR *on line*, Campinas, n.especial, p. 20-27, ago.2006.

SAVIANI, Dermeval. **Breves considerações sobre fontes para a história da educação.** In: Revista HISTEDBR *on line*, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago.2006.

_____ **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica.** In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura, SANDANO, Wilson, LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Dermeval (orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica.** Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

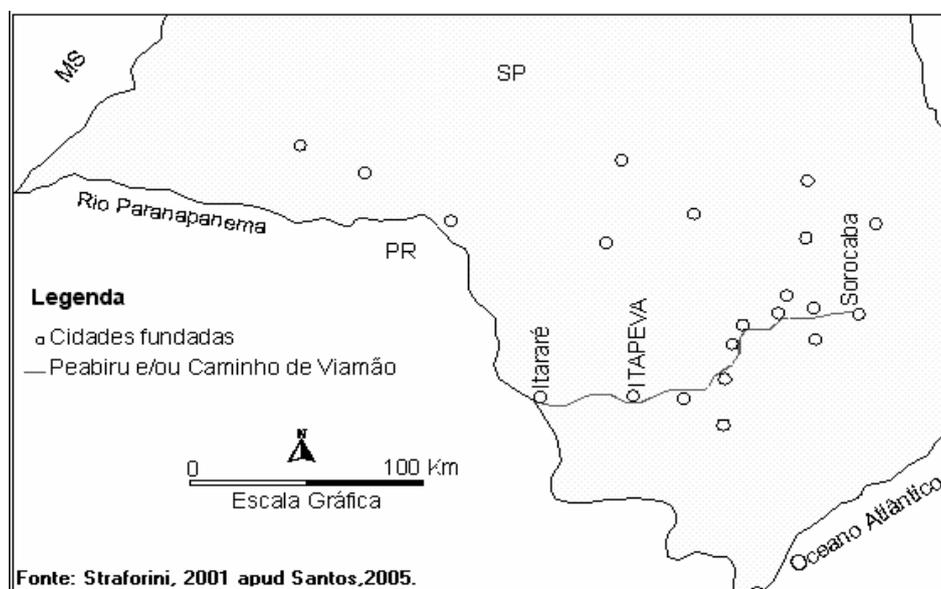
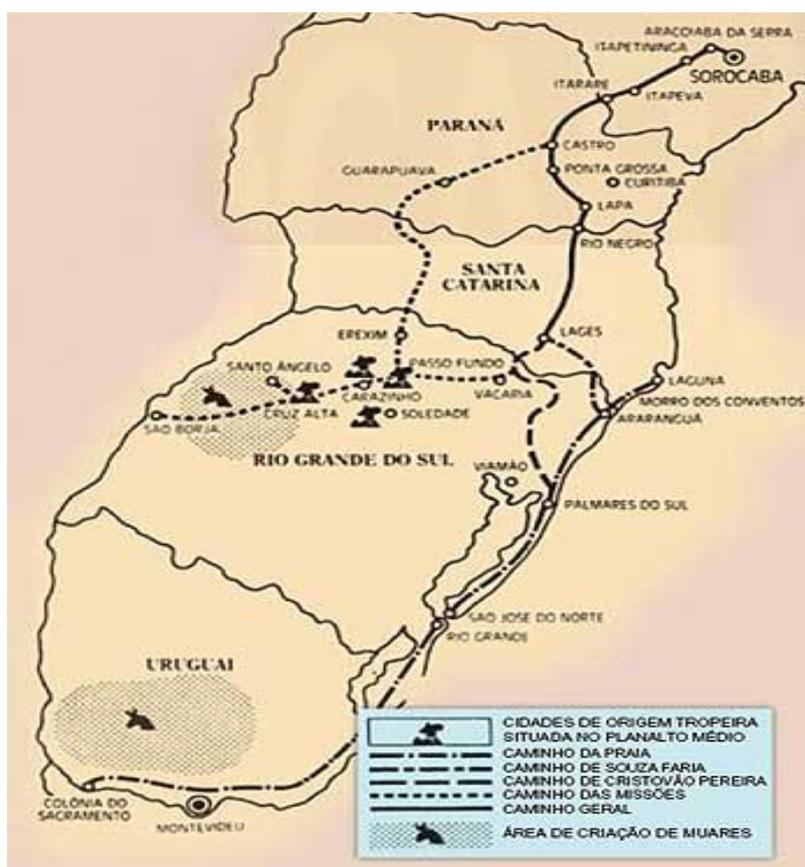
SAVIANI, Dermeval. **Breves considerações sobre fontes para a história da educação.** In: Revista HISTEDBR *on line*, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago.2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O que se deve ler para conhecer o Brasil.** 7ª ed., São Paulo, Bertrand Brasil, 1988.

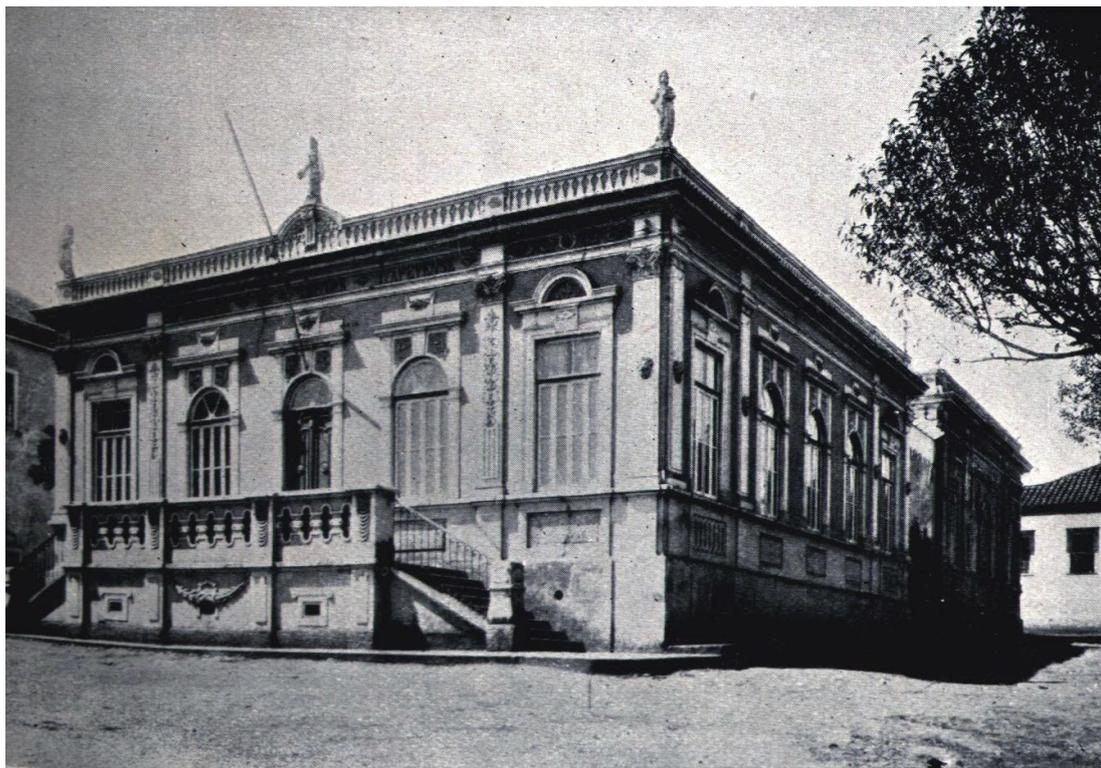
SOUZA, Rosa Fátima de. **Fonte: Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910).** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STRAFORINI, Rafael. **No caminho das tropas.** Sorocaba, SP: TCM, 2001.

ANEXOS



Fonte: Cavani (2006), Cidades fundadas a partir do pouso de tropas no Estado de São Paulo.



Gabinete de Leitura 1912 (Fonte: IHGGI).

Foi hontem solennemente inaugurado o novo prédio do “Gabinete de Leitura Itapevense” desta cidade.

(...)

As festas que se seguiam ao acto inaugural tocaram ao auge de imponência, primando pela selecção dos assistentes, entre os quaes reinaram a alegria e invejável cordialidade.

A fina sociedade faxinense sente-se justamente orgulhosa, não só pela restauração de semelhante escola recreativa como ainda porque tem hoje um centro de palestra que faz honra ao adiantamento da nossa terra; pois o edificio do “Gabinete”, confortável e elegante, acha-se mobiliado decentemente de modo a não nos envergonhar perante os nossos hospedes. (...).

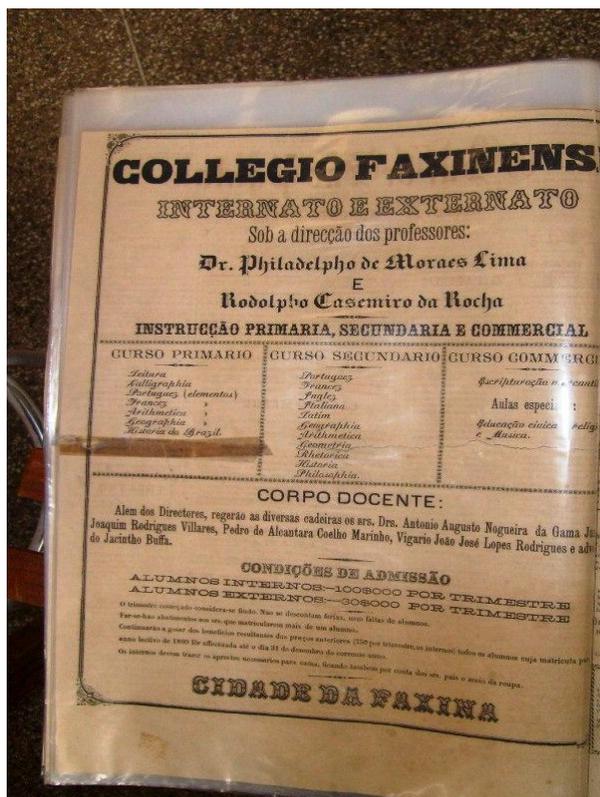
(...)

Sirva-nos de exemplo a presença altamente honrosa a nossa localidade de pessoas illustres, que, abalando dos seus inumeros affazeres, aqui vieram premiar o nosso esforço pela grandeza moral da nossa querida e prospera localidade.

(...)

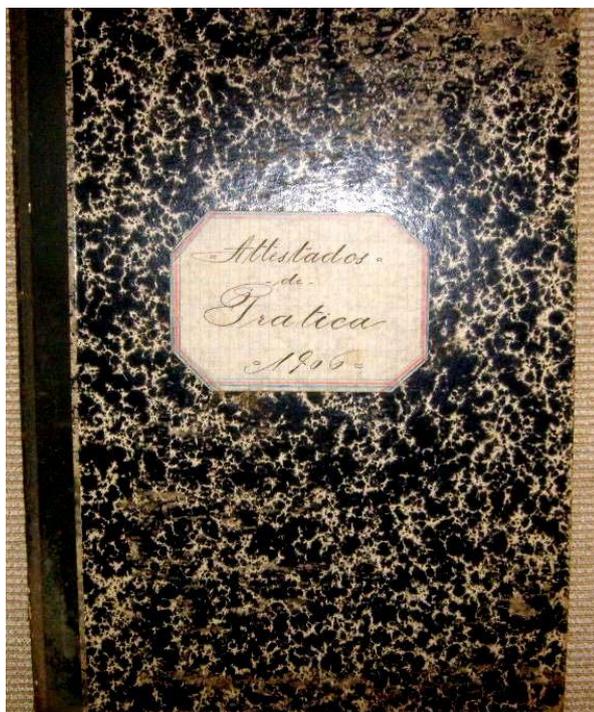
Precisamos fazer desse honroso e bellissimo centro de reunião um altar donde partam somente o gérmen do progresso, o estímulo do amor e da concórdia, os raios da paz e harmonia, como complemento da satisfação profunda de que nos achamos hoje justamente possuídos.

Fazemos os mais sinceros e ardentes votos para que busquemos as nossas armas para combater a ignorância e os nossos desaffectedos somente nas dobras dos compêndios que vamos manusear diariamente naquella casa de instrucção. (O TEMPO, 1912, ANNO XI, NUM. 538).



Fonte: IHGGI

O Jornal "O Sul de São Paulo" (1º de agosto de 1889) traz uma propaganda de um colégio particular em Faxina. Era uma escola preparatória particular, denominada Colégio Faxinense. Oferecia curso primário, secundário e comercial. Antes mesmo de ser criada sua primeira escola pública, já havia em Faxina uma escola particular.



Fonte: Acervo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade



Fonte: IHGGI

“Aos funerais compareceram cerca de duas mil pessoas”. Todos os alunos e professores do Grupo Escolar acompanharam o féretro, trazendo o Estandarte envolto em crepe. Levavam também uma coroa com os dizeres: “Homenagem do Grupo Escolar de Faxina ao Cel. Acácio Piedade”.
“Câmara Municipal de Faxina”
(OLIVEIRA, 1885)



Foto da Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade - 2008



Parte do acervo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Acácio Piedade 2008.